

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE JUNHO DE 1900

N.º 34



## A ARTE APPLICADA EM PORTUGAL

(A proposito da baixella Barahona)



TERMINADO século XIX, que tão prosperamente parece ter corrido para a resolução de importantes problemas políticos e economicos, quando melancolicamente o considero do ponto de vista da arte, no presente momento de uma luminosidade indecisa e triste como a de todos os crepusculos, faz-me o effeito de ter sido, entre os demais seculos da nacionalidade portugueza, o mais inactivo, o mais infecundo, o mais óco.

Dois essencias elementos de vida lhe faltaram para poder constituir um periodo d'arte. Faltou-lhe o intimo e sagrado sentimento da nacionalidade. — não soube ser portuguez; e faltou-lhe, para que soubesse ser operario, o alto espirito d'escola, no bello sentido em que os antigos artistas tomavam essa palavra, quando antes de significar *preceituação dogmatica*, ella queria dizer *confiança*, ou, ainda mais expressivamente *consuetudo*, segundo a forma italiana do século XIV.

Durante os ultimos decennios e estezes cem annos os artistas portuguezes desaprenderam de unir-se por um interesse mais alto e mais forte que o da oratoria dos clubs politicos e o dos socorros temporaes das associações e dos montepios de classe. Esse postergado interesse commum deveria ter sido o da honra da terra em que nascemos e o da gloria da raça de que provimos.

Fizemos uma arte egoista, de puro capricho individual, sem cohesão ethnica, sem amor, sem gosto e sem seiva do lorrão nativo, sem sangue de raça, sem beijo de familia, sem núcleo de tradição. E d'essa catholica desagregação dos órçãos, dos espiritos e das vontades, característica do trabalho artistico do nosso tempo, a posteridade, executora inflexivel dos decretos da providencia, nos punirá deixando sem historia os que viveram sem patria.

Em architectura o século XIX não produziu em Portugal um unico edificio que possa, ainda que muito distanciadamente, comparar-se a qualquer dos monumentos anteriores; aos romancos dos séculos XI e XII, aos goticos do século XIV, aos goticos da renascença dos séculos XV e XVI, aos jesuiticos do século XVII, ou aos da nova-renascença do século XVIII, o qual, apesar de despotico e de feiratico, nos legou ainda — e bom pago lhe tem dado a critica liberal — o bello palacio de Queluz, a mais bella das residencias reais, e a sobria igreja de Mafra, cujas obras assim como as do real pao d'Ajuda, foram o mais fecundo foco de moderno ensino artistico, dando alumnos como Vieira Lusitano, como Joaquim Machado de Castro, como todos esses bairistas encantadores, que fizeram epoca na escultura portugueza, modelando para os presepços da casa do marquez de

Borja, da Sé e das egrejas da Estrela e da Madre de Deus estatuetinhas que lembram a graciosidade e o mimo das de Tanagra.

Na pintura subsequente á escola de Vieira Portuense, de Taborda e de Pedro Alexandrino, a qual tinha as suas raizes no seculo anterior, é flagrantemente, mais que em qualquer outra expressão da arte moderna, o desnaturalismo de que acima falei. Se abstrahirmos de algumas scenas raras de Anunciação, de algumas paisagens de Silva Porto e dos seus discipulos, de algumas marinhas de Vaz, de alguns aspectos alentejanos e algavios dos quadros d'el-rei, a moderna pintura portugueza é, no seu conjunto, destituída da accentuação regional, com que cada vez mais procuram hoje caracterisar os seus quadros os pintores hollandeses, os suissos, os escandinavos, os hispanicos, os russos, os inglezes, os francezes e os belgas. Como classificacão geographica, apesar da virtuosidade magistral de alguns artistas, apenas da nossa pintura se pode dizer que ella é vagamente europeia.

Convém por certo estudar nos países artisticos os melhores processos technicos e os mais apropriados meios de educacão e de associacão collaborativa, de que depende o aperfeicamento do trabalho. Enquanto á expressão esthetica do producto é preciso que ella seja profundamente local e que se destine como o mais carinhoso empenho a fazer conhecidas e amadas as mais caracteristicas virtudes sociais e domesticas do povo de que procede. Sem essas condições de sentimento especial, a forma artistica, qualquer que ella seja, perde o seu valor de concorrencia no mundo, e não tem mais interesse que não seja o de um ameno ainda que inteiramente insociavel recreio domestico.

Um grande movimento esthetico transformou completamente os ideaes da moderna pintura *realista*, *impressionista* e *pseudo-naturalista*. Esse movimento que nos ultimos annos tomou o nome de *neo-preraphaelismo*, mas que foi iniciado nos comecços do seculo em Alemanha, onde a critica de Goethe, por lamentavel equivoco, o supliou á nascença, resurgiu triumphantemente mais tarde na Inglaterra e em Franca sob a açáo decisiva de Rossetti, de Burne-Jones e de Póvis de Chavannes. Este phenomeno, que actua profundamente no criterio da pintura e na renovacão dos seus processos em toda a Europa, tendo sido muito precisamente definido pelo illustre critico francez Camille Mauclair, que lhe chamou o *schisma da ideologia e da virtuosidade na pintura*, não exerceu em Portugal influencia manifesta.

Na estatuaría o século fecha-se firmado o mais solemne termo de desistencia para qualquer confronto de critica retrospectiva. Na mesma capital do reino, omes os nossos avós do século XVII erigiram a sobria estatuza equestre de D. José, uma das mais notaveis do mundo, permitiram os contemporaneos, que se depressa em uma praça publica — a mesma attitudem, que teria deslizado, desossado e enacado n'uma bata o pennetroso de Miguel Anzola — a aleivosa, a ultrajante estatuza do meu grande e innocente amigo Sousa Martins!



Não quero tirar do cotejo d'essas duas obras o diagnóstico da escultura contemporânea. Bem sei que, entre outros artistas de incontestável talento na escultura, na pintura, na arquitectura, ha ainda um que se chama Teixeira Lopes, e ha outro que se chama Ventura Terra.

As razões vigentes para que um d'esses artistas não faça as estatuas dos nossos grandes homens, e para que o outro não construa os nossos grandes edificios, estão, a que me obriguem a assignallar a assustadora decadencia mental, o medonho retrocesso de educação artistica, a que, desde os dias do Marquez de Fomhal e do intendente Pina Manique até o dia de hoje pela manhã, chegaram os homens de acção activa administrativa estão dependendo dos destinos da civilização portugueza.

Na arte industrial, ou — como menos inpropriamente se lhe deva chamar — na arte applicada, á qual mais particularmente desejo referir-me n'este estudo, tem passado quasi completamente desatendido em Portugal o facto capital da historia da arte em todas as industrias manuaes, fundado nos trabalhos e nas actividades chamadas secundarias.

Do Real Collegio d'arte de South Kensington, em Inglaterra, partiu o impulso communicado hoje a toda a Europa. Para o fim de fazer praticamente penetrar a arte em todas as industrias manuaes, fundado em Londres, no anno de 1882, sob a presidencia do grande architecto Mackmurdo, discipulo e amigo de John Ruskin, a *Century Guild*. Com identico proposito constituiu-se, poucos annos depois, a sociedade *Arts and Crafts*, fundada por William Morris, e a *Guild of handicrafts*, presidida por G. R. Ashebe.

Ruskin fez-se o apostolo da nova doutrina, seguindo-o uma legião de proselytos, artistas, criticos d'arte, poetas, homens do mundo e senhoras. Muitas outras sociedades se fundaram e muitas oficinas se estabeleceram seguindo o programma da nova escola.

As sedes das associações inglezas d'arte applicada são, ellas mesmas, grandes *ateliers* em que os primeiros artistas da Grã Bretanha, architectos, pintores e escultores, se consagraram, pacientemente e humildemente, a desenhar modelos para todas as industrias, — joias, baixelas, estofos de seda, de lã e de algodão, papeis pintados, utensilios domesticos, de ferro forjado, de cobre, de estanho, de bronze, de marfim, de cristal e de vidro soprado, esmaltes, mosaicos e ladrilhos, encadernações, molduras, ferragens, tapetes, obras de couro lavrado e de marroquinaria, bordados, rendas, vidracas pintadas, moldes de olaria, ornatos de ceramica, todas as peças do mobiliario moderno, cadeiras, poltronas, canapés, armarios, bufetes, aparadores, estantes, louceiros, lavabos, cofres, bionbos, guarniços de chaminés, caixas de correio, lustres para as lampadas electricas, candeleros, candelabros, castiças, floreiras, sobrezezas, schemas e stylisções de todos os motivos ornamentaes, deduzidos da flora, da heraldica, dos caracteres alphabeticos, dos symbolismos e dos allegorismos profissionais, com applicação á decoraçáo dos loques, dos *about-jours*, do papel de cartões, dos bilhetes de cumprimentos, das marcas de fabrica, dos rotulos d'armazem, dos *menus* de jantar, dos *ex-libris* das bibliothecas, dos bilhetes postaes, de todos os objectos effymes em que a acção artistica pode intervir para espiritualisar e para enobrecer a vida. N'esta longa enumeração, hem ao contrario de improvisar hypothesees, não acito senão trabalhos feitos, e estou longe de mencionar todas as obras d'arte applicada, de que os artistas e os industrias inglezes tem apresentado specimems nas exposições dos ultimos dez annos em Londres, em Birmingham, em Glascew, em Dublin, em Manchester, em todas as grandes cidades inglezas.

E toda esta produçáo colossal e maravilhosa se realisa instigada por uma convicção geral e profunda, por espirito nacional, n'uma especie de contagio quasi religioso, determinado por este simples principio da esthetica russkineana: Que, perante a obra de Deus, a belleza e no mundo physico uma cousa tão sacrosanta como a virtude no mundo moral, e que o homem que investiga as leis da belleza, e derrama na vida as alegrias que d'essas leis se deduzem, é — por esse facto que o consagra artista — um dos maiores beneficétores da humanidade.

Ha annos que um critico fez esta prophécia: A accumulacáo de tantos milhares de quadros e de estatuas, que em cada anno se produzem, acabará em pouco tempo por ser para a sociedade um fardo insuportavel. Esse vaticinio está-se realisando já hoje de um modo mais decisivo do que os proprios agures supunham.

Os mais notaveis pintores, esculptores e architectos, não só da Inglaterra mas da Alemanha, da Franca, da Belgica, da Italia e dos Estados Unidos da America (porque o movimento inicialmente inglez generalizou-se em todo o mundo) tem-se feito decoradores, restabelecendo a unidade primordialidade media e da renaissença, em que não havia differença de categoria entre o artista e o architecto, nem existia a absurda e esterilizante distincção moderna entre as *nobres artes* ou *bellas artes*, e as *artes industriaes* ou *artes menores*.

Os artistas da antiguidade procuravam adquirir todas as faculdades precisas para a satisfacáo de qualquer encomenda que se lhes fizesse, e assim eram alternativamente architectos, esculptores, pintores, leccétores, vidrillistas, cinzeladores de metal ou entalhadores, aptos para toda a especie de producção artistica. E toda esta multifforme productividade era d'ante mim subordinada a um preconhecido effeito de conjuncto na ornamentação integral de um determinado recinto.

O critico inglez Water H. Watson, referindo-se ás escolas d'arte inglezas, diz que ha hoje a mais estranha analogia entre uma escola d'arte moderna e a *bottega* de um artista italiano do seculo XII. O artista medieval rodeva-se de uma companhia de operarios e de aprendizes, do que elle era officina, de sorte que todo quanto d'ella sabia tinha uma idéntica accentuação esthetica, a qual era como que a estampa do mestre.

A *Century Guild* basea o seu systema de composicáo decorativa nos seguintes preceitos fundamentaes:

Eliminacáo de todos os antigos styles, d'onde a expressáo nova *modern style*;

0 mais minucioso cuidado no rythmo das proporções;

A mais perfeita harmonia do trabalho com o caracter da materia empregada;

Muito applicado estudo dos effeitos da luz e da sombra pela projecção dos relevos;

Investigaçáo dos primeiros principios d'arte nas obras dos artistas que trabalharam antes da denominada *Renascença*, a qual toda a escola de Ruskin, de Rossetti, de Burn Jones, de Morris e de Mackmurdo considera como a enfermidade mais fatal á esthetica.

Em demonstracáo de que todos os officios manuaes são presentemente considerados como outros tantos ramos da mais nobre e da mais pura arte, citarei ainda os nomes de alguns dos grandes artistas que hoje cultivam esses officios:

O architecto Voysey, construtor de algumas das mais bellas casas de Londres, debuxa e faz executar, sob a sua immediata direcção, moveis, ferragens, tecidos e papeis pintados. Reynolds Stephens, esculptor, applica-se aos trabalhos mais variados: modelos de mobiliario, de vidracas pintadas e riscos para bordados. Wickham Jarvis, architecto e professor na escola de Camberwell, occupa-se especialmente de marcenaria, e tem produzido moveis das formas mais simples e mais elegantemente origináes. O illustre pintor Brangin tem exposto gabinetes completos de interior de casa, e tem feito executar sobre desenhos seus magnificos tapetes e grandes vidracas. Walter Crane, director de South Kensington e presidente da sociedade *Arts and Crafts* expoz ainda, anno passado papeis pintados e toalhas de mesa de sua composicáo.

Em Franca Plumet, Dampf, Seltersheim, Charpentier e Desbois fundaram a sociedade d'arte applicada intitulada *L'art dans l'ouf*, a qual tem já dado as mais interessantes provas da sua actividade em numerosas exposições.

Outra sociedade franceza *L'art nouveau* tem posto em circulaçáo notaveis obras, figurando entre ellas as bellas joias de ouro esmaltado e perolas, muito originalmente desenhadas por Colonna.

As encantadoras medalhas dos grandes esculptores Chaplain e Roty, graças ás facilidades de reduçáo e de reproducção pelos modernos processos mechanicos, tornarãem-se já, como se sabe, um artigo corrente na joalheria.

Em Paris o architecto Charles Plumet, de collaboração com Tony Selmerheim, applica-se á installaçáo de um restaurante em frente da nossa *Opera Comica*, decora uma simples loja á esquina da rua Brouot e do Boulevard, e fabrica todo o mobiliario da interessante casa de jantar do pintor Detaille.

Perto de Fontainebleau, o grande pintor Armand Point, um convicito neo-primitivo, da esthetica de Giotto, de Botticelli e de Benozzo Gozzoli, depois de haver reintroduzido na arte pura os antigos processos da pintura a fresco, organisa com alguns jovens artistas francezes uma *guidaie* e uma *bottega* á moda florentina ou veneziana do seculo XIV, e n'essa officina, que elle denomina *Atelier de Haute-Chaire*, está produzindo as mais variadas obras d'arte applicada, algumas d'ellas ultimamente expostas na galeria Jorge Petit, taes como mobiliis, joias, tapessarias, faianças, encadernações, etc.

Na Alemanha o novo estilo conhecido pelo nome consagrado de *Biedermeier* compete muito honrosamente com o style inglez, procedendo como elle nas formas do mobiliario do style Imperio dos primeiros annos do seculo XIX. Os artistas allemães conseguiram dar aos seus moveis a mesma seneridade architectural, a mesma correcção de structura, a mesma ponderaçáo de desenvolvimentos, a mesma sobriedade d'ornato, o mesmo caracter de conforio burguez e de culta e elegante intimidade, que é a gloria do style hriânico. Tem prestado os mais assignalados servicíos á renovaçáo do style em todos os productos da industria allemã a grande sociedade de Munich intitulada *Vereinigten Verkalsten für Kunst im Haudever*, expressiva denominaçáo, que julgo querer dizer *officinas reunidas de todos os officios d'arte*. O presidente d'esta sociedade é um simples amador. Os principaes socios são artistas dos mais notaveis na pintura, na escultura, e na architectura da Alemanha.

Em Berlim a maioria dos novos artistas ensaia o seu talento de composicáo decorativa, applicando-o ás mais diversas materias. A frente d'essa phalange o grande pintor Hermann Hirtzel occupa-se especialmente da renovaçáo dos esmaltes e dos mosaicos, desenhando conjuntamente joias de ouro e ornamentações de livros, principalmente de capas symbolicas para composições musicaes.

Caracteristico detalhe: Nas ultimas exposições d'arte de Munich o publico passou com a mais ligeira indifferença em frente dos quadros e das esculturas, para concentrar toda a sua atencáo e todo o seu interesse nos productos da arte applicada. Nas cinco exposições até hoje realisadas em Inglaterra pela sociedade *Arts and Crafts* não appareceu uma unica pintura de cavallete.

Na Austria os grande pintores *secessionistas*, de Dresde e de Vienna, tornaram-se recentemente os mais activos impulsores da arte applicada, para a qual o grande Muscu de Vienna foi um centro de preparaçáo technica tão fecundo e quasi tão glorioso como o do Museu de Londres.

Na Belgica o movimento renovarador da arte applicada irradia principalmente de duas grandes associações d'artistas: *De Scalden*, composta de antigos alumnos da Academia de Anvers e do Instituto d'arte, e *L'art dans la vie publique*, tendo á frente da direcção dos seus trabalhos Frans van Knyck, Max Rooses, Albrecht de Vriendt e Eugén Geefs.

Na Italia a moderna evoluçáo da arte está sendo representada por numerosas associações, e entre as quozas citarei a que se intitula *Corporazione*, em Venezia, e *L'arte pubblica*, de Florenca. Do programma da primeira, transvoo algumas palavras em que se definem os fins a que ella se destina: Applicar a arte a todas as coisas de utilidade publica e de uso corrente; fazer respeitar as leis artisticas na construcção das casas e dos edificios do estado, bem como nos *objectos de uso particular* sujeitos á vista do publico; divulgar a convicção de que a arte é um dos principaes factores da civilisaçáo e da mais das importantes funcções da sociedade.

Esta explicaçáo, tão longa para o espaço de que me é dado dispor n'esta Revista, não se dá para illicitidade do assumpto, mas porque elle era-me indispensavel fazer-a, ainda que tão imperfeitamente, para o fim de pôr no seu devido valor perspectivo algumas subsequentes considerações acerca da arte applicada em Portugal.



# 4.º Centenario do Brasil

## A excursão ao Corcovado e ás Paineiras



No Chapim de Sol

pateo do hotel, em doze enormes mesas serviu-se um esplendido almoço, durante o qual estalaram as roilhas do Champagne em successivos e affectuosos brindes a Portugal, á Italia, ao Brasil, aos exercitos das nações, ás marinhas dos tres paizes representados, ás senhoras presentes e ás sociedades promotoras d'esse encantador passeio, que nunca esquecerá. Um bello discurso do Dr. Frontin poz termo á serie de brindes, saudando a Italia, patria de Christovão Colombo, Portugal, patria de Pedro Alvarés Cabral, e o Brasil descoberto pelo grande navegador portuguez.

Os leitores do *Brasil-Portugal* encontram n'esta pagina, além das vistas do alto do Corcovado e do Chapim de Sol, a que já nos referimos, um grupo dos principaes convivas, vendo-se á frente, sentados, o snr. general Cunha, sua filha, o conde Antonelli, o snr. Camello Lampreia e esposa, a esposa do segundo secretario da legação portugueza, e de pé, atrás, os membros da

UMA das festas mais bonitas offercidas no Rio de Janeiro pela Associação do 4.º centenario aos representantes de Portugal e da Italia e á officialidade dos cruzadores *D. Carlos e Etruria*, foi a do Corcovado e Paineiras. Mais de mil convivas encheram o comboio que pela longa e pittoresca estrada de ferro do Corcovado, ali os conduziu. Nem todos fizeram a excursão ao Corcovado porque seria isso difficil. Só os officiaes, os membros das legações e alguns dos directores da associação, acompanhados pelas senhoras de sua familia, foram ao cume da montanha. Quando subiam as Paineiras, uma banda militar saudou-os com os hymnos portuguez e italiano, e egual recepção tiveram no alto do Corcovado. Ao descerem, vindo na frente o general Francisco Maria da Cunha e o conde Antonelli, foi tirada a photographia do grupo que aqui reproduzimos. O mesmo succedeu quando elle sahíu do Chapim de Sol, sob o qual se encontravam em uma mesa artisticamente adornada varios refrigerantes, que os excursionistas saborearam com o appetite de quem dá um longo passeio, ao sol claro de um bello dia.

Do Corcovado passaram ás Paineiras onde se encontravam os outros convivas. No grande



O grupo dos principaes excursionistas

directoria da associação e outros illustres excursionistas.

Mais abaixo, um outro grupo de senhoras, que imprimiam a esta excursão uma nota tão festiva com as suas toillettes claras e frescas e a sua conversa interessante e alegre.

No primeiro plano, estão sentadas varias senhoras portuguezas, e entre ellas a filha do embaixador extraordinario de Portugal, e as esposas do encarregado de negocios e do 2.º secretario da legação.



Um grupo de senhoras



No alto do Corcovado



# O CORREIO DO 4. CENTENARIO POR ALFREDO CANDIDO





# 4.º Centenario do Brasil

## O carro allegorico do «Brasil-Portugal»

No cortejo civico do dia 5 de Maio, no Rio de Janeiro



Clicho da Photo. Americana (Rio de Janeiro)

**E**STA Revista querendo a um tempo associar-se á commemoração do grande feito heroico que encheu de asombro o mundo ha quatrocentos annos, e que constituiu ha pouco a alegria festiva de dois povos irmãos, e testemunhar a sua profunda gratidão pelo Brasil, ao qual deve em grande parte o exito colossal que tem tido, fez-se representar no grande cortejo civico do Rio de Janeiro por um dos seus proprietarios, ora ali, o sr. Lorjô Tavares, e pelo seu incansavel agente na capital brasileira, o sr. José Martins Pollo, que tão intelligentemente tem contribuido para o enorme exito alcançado.

Estes seus dois representantes figuraram no carro allegorico do *Brasil-Portugal*, um primor artistico de ornamentação, projectado e dirigido pelo illustre engenheiro o sr. Moraes de los Rios, auxiliado pelos seguintes artistas: Rossi, Juca & Irmão, Havoio, Tassano e Almeida Guimarães, artistas que todo o Rio conhece e estima.

Que todos brilhantemente trabalharam, provam-o as duas gravuras que se admiram n'estas paginas, representando as duas faces lateraes do carro, em que resalta com brilho a decoração artistica.

Um grosso volume, vistosamente encadernado a azul e branco, do *Brasil-Portugal*, eleva-se ao centro do carro por entre palmeiras e outras plantas. Os desenhos da capa são os mesmos dos numeros da Revista: de um lado, leem-se os nomes dos seus proprietarios, do outro — *Homenagem do Brasil-Portugal*. Os cantos do livro, que descança em pé, fluctuando ao vento os seus registos feitos com fitas das cores brasileiras e portuguezas, são dourados. Guarnecendo a plataforma, um montão de avenças, crotões vermelhos e uma grinalda de flores e folhagens de ouro e dhalias brancas, encimando os escudos das duas nações, e varios emblemas coroados ainda de uma longa sanefa azul.



Clicho - a Photo. Americana (Rio de Janeiro)

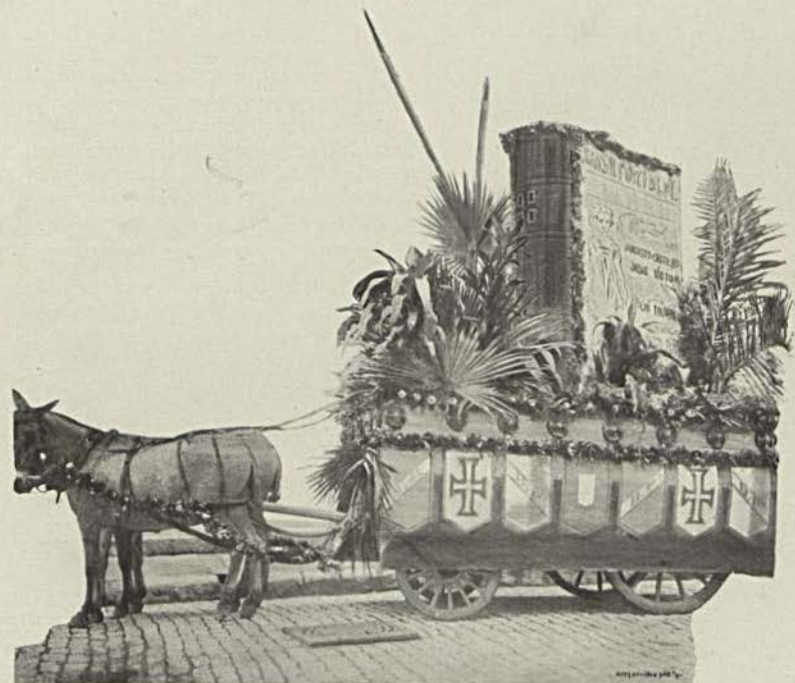
### MONUMENTO A PEDRO ALVARES CABRAL

Ao chegar o Presidente da Republica, na Praça da Gloria agglomeram-se mais de 50.000 pessoas avidas de admirar a obra magnifica de Bernardelli

# 4.º Centenario do Brasil

## O carro allegorico do «Brasil-Portugal»

No cortejo civico do dia 5 de Maio, no Rio de Janeiro



Cidade da Photographic Americana (Rio de Janeiro)

Ao pé da lombada do livro, ergue-se por entre verdura, um enorme tinteiro, do qual sae uma longa penna e um lapis, emblemas das artes que mais destacam as paginas da Revista. Do lado opposto, um bouquet monstro de flores, rodeado de erons vermelhos. A' frente do carro cobrem os escudos em relevo do Brasil e de Portugal, unidos, como que n'um leque colossal, grandes folhas de palmeira, douradas, prateadas, bronzeadas e vermelhas, n'um arco iris fluctuante. Em ambos os lados da almofada do carro onde iam os representantes da Revista, e a qual era coberta com um lindo panno, outras plantas que a faziam quasi desaparecer por entre a sua folhagem. As saudações com que o publico nas ruas de transito acolheu o carro allegorico do *Brasil-Portugal*, o bom gosto artistico dos seus auctores, recompensam-nos em absoluto dos sacrificios que esta empresa tem feito para corresponder ao generoso acolhimento d'esse povo irmão, e as referencias brilhantes que lhe faz toda a imprensa fluminense são motivo para testemunharmos aqui o nosso reconhecimento.

Foi um verdadeiro passeio triumphal a jornada até á Tijuca, dos officiaes dos cruzadores *D. Carlos* e do *Etruria*, a convite do Ministro da Marinha do Brasil. Chegados ao alto da Boa Vista, esperavam-os diversas calegas e landaus, phaetons e char-à-bancs, puxados a duas parellhas e guiados por cocheiros uniformizados de calça e collete brancos, casaco preto e chapéu de palha, com fita azul e branca, rosetas ao hombro com as cores entrelaçadas do Brasil, Italia e Portugal.

A caminho, em plena floresta, os excursionistas poderam então admirar de perto, com exclamações entusiasticas, essas grandezas da flora brasileira, mas essa admiração redobrou no momento de chegar ao *Excelsior*, onde uma banda militar os receberam ao som dos hymnos das tres nações. No grupo dos excursionistas vê-se no primeiro plano, o representante do *Brasil-Portugal* nas festas do Centenario, o nosso collega Lorjô Tavares.



Cidade da Photographic Americana (Rio de Janeiro)

NA TIJUCA

Ficão oferecido pelo Ministro da Marinha.



## 4.º Centenario ao Brasil

As corridas de cavallos, no Derby Club, do Rio de Janeiro

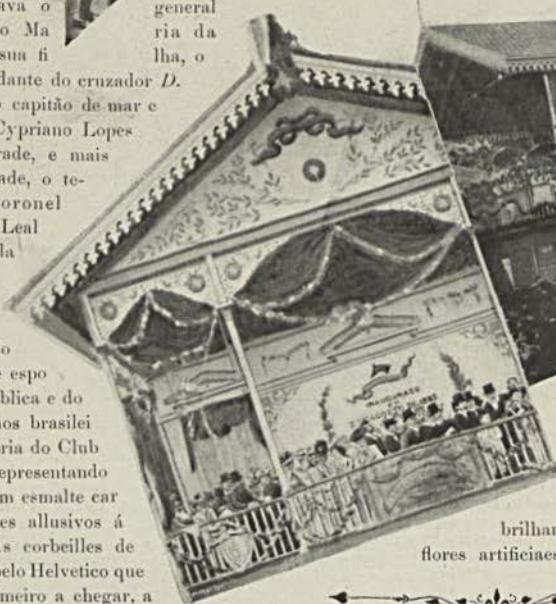


strução, tem á  
onde estava o  
Francisco Ma  
Cunha, sua fi  
commandante do cruzador *D.*  
*Carlos*, o capitão de mar e  
guerra Cypriano Lopes  
de Andrade, e mais  
officialidade, o tenente coronel  
Borges Leal  
official da  
guarda  
ás or  
baixa  
Camello  
Arenas e espo  
da Republica e do  
os hymnos brasilei  
a directoria do Club  
prata, representando  
centro em esmalte car  
de dizeres allusivos á  
dissimas corbeilles de  
premio pelo Helvetic que  
foi o primeiro a chegar, a  
directoria do Derby  
Club offereceu aos  
seus convidados um  
lunch, durante o  
qual se trocaram  
brindes affectuosos.  
Saudou a imprensa  
enthusiasticamente  
n'um esplendido  
brinde o Director  
Dr. Carvalho Bor  
gès, respondendo-  
lhe o sr. Henrique  
Blatter.

(Cliche da Phot. Am.)

sua direita outra  
general  
ria da  
lha, o

**R**hi tem os nossos leitores uma vista do prado do Itamaraty, no momento em que os corredores veem quasi a chegar á pista, entre os bravos de uns, os hurrahs de outros e os desesperos de muitos. Dia esplendido, concorrência extraordinaria. Eram perto de 3 horas da tarde quando chegaram o Presidente da Republica acompanhado pela sua casa civil e militar, tomando logar na tribuna que a segunda d'estas gravuras representa. Essa tribuna que forma o corpo central, de uma elegante con-



nacional  
dens do em-  
dor portuguez, o sr.  
Lampreia e esposa, e o sr.  
sa. A' entrada do Presidente  
embaixador portuguez, ouviram-se  
ro e portuguez. A S. Ex.<sup>sa</sup> offereceu  
ricos programmas da corrida, em  
uma flammula aberta, tendo ao  
mesim a Cruz de Malta, circulada  
brilhante festa. As senhoras receberam lin-  
flores artificiaes e photographias. Ganho o grande

A CHARANCA DO CRUZADOR D. CARLOS  
no Club de Natação, no dia 6 de Maio, por occasião da Regata



# Castello do Outão—Inauguração do Sanatorio



(Clicê de S. M. a Rainha)

Uma face do Castello

QUEM, no dia 6 d'este mez, assistiu, por gentilissimo convite da Rainha, á inauguração do sanatorio de Outão, não poderá esquecer nunca essa festa memoravel, toda illuminada por um sorriso de enternecimento e de bondade, em que transparecia o coração da Mulher, mais feliz do que nunca, e mais do que nunca agradecendo ao destino o ter lhe dado o logar n'um throno, porque enfim podia pôr ao serviço da caridade evangelica toda a grandeza da sua alta situação, todo o prestigio da sua corôa real.

Foram fazer-lhe cortejo n'essa obra de amor e de altruismo os altos dignitarios, os poderosos, os homens de ciencia, que iam, com a sua presença, garantir-lhe a efficacia da sua propaganda benefica, os representantes do jornalismo, insubstituiveis no logar que ali occupavam, porque tinham de espalhar por toda a parte o altissimo serviço que com a inauguração do sanatorio para tuberculosos a rainha prestava ás miseraveis

crianças, arrancando-as á morte inevitavel e cruel, para lhes dar com os recursos da sciencia



Os convidados da Rainha

cia, com o tonico d'aquelle ar salino e vivificante, com o vasto panorama que d'aquelle castello medieval se disfructa, com os doces affectos do seu coração de mãe, a saude que tinham perdido, a eôr que a doença e as privações lhes tinham roubado, a alegria e a esperança que fugira ha muito dos seus corações infantis.

O Brasil-Portugal foi honrado na pessoa de cada um dos seus tres directores com o penhorante convite da Rainha, e

como se para o mais fervoroso reconhecimento elle não bastasse, dignou-se ainda a Augusta Senhora ceder-nos o instantaneo photographico, tirado por Sua Magestade, e reproduzido pela photogravura no clicê que vem ao alto d'esta pagina. E' uma subida distincção que mais uma vez mostra as sympathias da Rainha pela nossa Revista.

Em artigo especial acompanhado de varias gravuras, diremos no numero seguinte detalladamente o que é, o que significa, o que vale o sanatorio de Outão.

Hoje limitamo-nos a dar a impressão, rapida, instantanea da festa de 6 de junho. Apenas tres clicês, além do de S. M., figuram na pagina de hoje. O primeiro representa a chegada

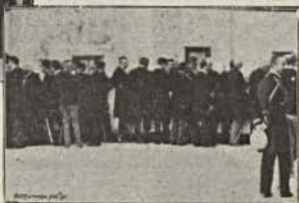


Nas immedições do Castello

ao velho e pittoresco castello que a regia caridade auxiliada pela sciencia medica tão proficuamente transformou em sanatorio para doentes, fundando a primeira e auspiciosa obra da Assistencia Nacional.

Nada mais interessante que essa multidão de barquitos, cheios de gente de Setubal, de Azeitão e do Portinho da Arrabida que vieram aguardar a chegada do D. Amelia, conduzindo El-Rei, sua esposa, seus filhos e seu irmão, e a dos vapores *Berio* e *Lúador*, que de Setubal transportavam para Outão, o arcebispo de Mytélens, que ia sobre o novo sanatorio lançar a benção da Igreja, e com elle todos os demais convidados da benemerita princeza.

São estes que em grande parte podem ser observados nos nossos instantaneos em que foram collidos pela objectiva de Arnaldo Fonseca. Destacam-se entre tantas personalidades que os leitores da Revista facilmente reconhecerão as figuras dominantes d'El-Rei e da Rainha, que ao entrarem no seu yacht, de regresso a Lisboa, receberam saudações calorosas, frementes, entusiasticas.



Na Esplanada do Castello



O lunch na Esplanada do Castello.



# NOTAS DA QUINZENA



Do Rocio partiram já, em direcção a Paris, os primeiros comboios especiaes para a seductora viagem da Exposição. Saem hoje de Lisboa ás 8 horas da manhã, está-se amanhã em Paris ás 8 horas da noite. E' uma vertigem. E ao mesmo tempo que augmenta, por modo tão sensível, a velocidade dos seus comboios, a Companhia Real diminui os preços das suas passagens, até ao ponto de não ser já possível a ninguém fugir á seducção d'esse abysmo, no fundo do qual, como no alto de Montmartre, na phrase com que o Sr. Luciano Monteiro explicava ha dias, em pleno seio do Parlamento, a desviada attitudão do nosso illustre Commissario Regio junto do Quai d'Orsay — quarenta mil cocottes nos contemplam...

A respeito da secção portugueza no formidavel certamen, a opinião dos jornaes parisienses é, para nós, quanto possível, grata. E todos nós, mais ou menos, que até agora não queriamos acreditar no progresso das nossas industrias, nem na efficacia do nosso esforço, em todos os ramos por onde se distribue a nossa actividade, damos razão aos jornaes que de nós dizem maravilhas, e agradecemos o elogio, muito convictos de que a verdade e a sinceridade o ditaram — quando sabido é que maior nos seria esse elogio, se melhor nós o pagassemos.

E, todavia, para quem persista na creença de que esses jornaes não fizeram mais que o seu dever de boa informação, achando excellenté tudo quanto expomos, a obstinação é facil de sustentar. Dizer-se, com effeito, que o periodo aureo d'este reino se cingiu ao tempo em que nossos avós viveram á tripa-lôrra dos riquissimos productos da Africa e da India, e com os cantos da victoria iam abafando as lastimas da rapinagem, é puro engano, e habito má de deprimir a patria. Nunca da India nos veio, em ouro e especiarias, riqueza maior que aquella de lá vinda na pessoa do mais austero ministro d'Obras Publicas que porventura temos tido. Nem da Africa regressaram jamais nâus portuguezas tão fartas, tão repletas, como alguns altos funcionarios do Estado que de lá teem voltado, nestes ultimos tempos, com suas economias.

Depois, não são apenas estes e outros fructos das nossas possessões, como o café e o cacão, que dão realce á representação portugueza num certamen universal como o de 1900. Não devemos esquecer quantos progressos se assignalam na historia contemporanea do nosso parlamentarismo, a que nem teem faltado, sequer, como vemos em todos os paizes que se presam, alguns soberbos Panamás. Não esqueceremos igualmente quanto temos progredido em materia de Divida externa, o que é por certo um dos meios mais seguros de que dispõem as nações pequenas, para se tornarem conhecidas das grandes. Não esqueceremos tambem quanto a nossa Industria, a nossa Agricultura, a nossa Arte, a nossa Litteratura têm caminhado para lhes ser possível acharem-se a par das estrangeiras, já aperfeiçoando o fabrico dos palitos para dentes, já desenvolvendo a phyloxera, o mildio e a maromba; já dando casa, cama e mesa, roupa lavada e cigarros, a alguns pensionistas de bellas-artes em Paris; já conferindo premios de um conto de réis ao melhor conto da carócinha submettido aos concursos da Academia Real.

E não falaremos já nem dos lanços d'estrada, nem das bocças de incendio; nem falaremos tambem da marcha acelerada dos comboios, que todavia não nos deixaria mal vistos em algum quadro comparativo das grandes catastrophes dos caminhos de ferro da Europa; nem falaremos tão pouco da Roleta, nem da Tuberculose, nem do Suicidio, nem dos Proprios Nacionaes, nem da estatistica dos analfabetos — pelo methodo de João de Deus...

As exposições, que tiveram sempre a grande vantagem economica de tornar famosos os productos especiaes de cada paiz, que á exposição concorre, não redundam para nós, ao que parece, num proveito que compense o desvario e o desequilibrio de orçamento em que nos lançamos, de cada vez que pretendemos figurar em alguma d'essas grandes feiras internacionaes. Os productos portuguezes, genuinamente portuguezes, verdadeiramente caracteristicos de Portugal, não encontram depois maior consumo externo, e uma vez encerrada a ultima exposição, continuam, como d'antes, os esquecidos, ou ignorados.

Querendo dar-nos uma prova da boa amizade que liga os dois paizes, a Hespanha empreheudu agora — ou, pelo menos, só agora nos foi dada a surpresa grata de o sabermos — uma verdadeira obra

de philanthropia em nosso favor. Trata-se de um facto novo na historia das boas relações que sempre existiram entre Portugal e a Hespanha — com a ligeira interrupção do tempo dos Philipes. E' um caso simples, á primeira vista, e, de per si, insignificante, mas muito significativo, muito symptomatico, para quem d'elle queira tirar conclusões de outra ordem, que aqui não tem cabimento.

O vapor *Ré Humberto* trouxe para Lisboa tresentos e tantos barris com vinho de Collares — embarcado em Barcelona. Os barris deram entrada nos armazens da Alfandega, com destino ao Rio Grande do Sul, para onde eram reexportados; e só quando se procedia á verificação se notou que esses barris tinham a marca de *Collares, Grandeza garantida*. Não restava a menor duvida. Estava escripto! — como dizia a Duse na *Mulher de Tanqueray*. E logo constou que o Governo, pelas vias competentes, se apressara em testemunhar ao Governo do paiz visinho o profundo reconhecimento a que nos obrigava esta nova gentileza da Hespanha, a cavalheiresca Hespanha! — exportando o seu vinho com a marca portugueza de Collares, só para nos ser agradável...

No capitulo — do Codigo Penal — que trata de falsificações de generos alimenticios, com prejuizo grave da saude publica, tivemosos ainda a justa pronuncia de alguns salchicheiros, que haviam descoberto esta pittoresca receita para fazer chouriços e para fazer fortuna:

<i>Carne de porco .....</i>	125 gr.
<i>Miudezas de vacca .....</i>	125 »
<i>Anilina .....</i>	250 »

E assim obtinham, pondo, ainda por cima, a mão do caixaero por baixo da balança — um kilogramma de chouriço muito agradável á vista, ao ouvido, ao paladar e ao tacto!

Tivémos tambem, sem variar de capitulo — nem de Codigo — o caso de um fornecedor de massa de tomate para o Collegio Militar, que ha muitos annos fabricava essa massa... com abobora. Ora, abobora, não é bem o que se chama o producto nocivo á saude publica; mas toda a massa de tomate manipulada com abobora, desde que o manipulador e o freguez não concordam em chamar-lhe massa de tomate — torna-se uma flagrante falsificação. Por mais que o cozinheiro do Collegio Militar carregasse a mão no tempero das comidas, continuavam as comidas a não ter cor, e os tristes estudantes mais descoloridos ainda que as comidas. Veiu o medico, e postos na sua frente os alumnos em formatura, depois de muito interrogados e observados, á conclusão se chegou de que todos elles tinham ténia. Meu Deus, como a sciencia se engana! Pois se esses pobres rapazes tivessem ténia, e sendo a abobora o melhor remedio para a ténia, ha quanto tempo estariam elles curados?!

Felizes os que podem viver, como o Dr. Papuss, sem comer, sem beber, sem se amofnar, de papo voltado para o céu, como quem espera que só do céu possa vir remedio contra tanto mal.

Depois do Dr. Papuss, que ha oito dias se conserva em exposição dentro da sua urna de vidro muito bem lacrada, com o sinete de alguns respeitaveis cavalheiros, que assistiram ao acto do encerramento, e que d'esse encerramento rubricaram, ingenuamente, a respectiva acta — só o Dr. Bentes Castello Branco conseguiu ainda causar maior surpresa á capital boquiaberta, inaugurando no seu posto medico-physiopatha uma série de conferencias sobre um novo tratamento natural de todas as doenças, segundo o qual poderemos ver, com gaudio, que todos os boticarios fecharão suas boticas, e todos os medicos seus consultorios.

Os descrentes e os pessimistas, que teem ido ver o Dr. Papuss e que teem ido ouvir o Dr. Bentes, não acreditam em nada do que viram e ouvirem, e persistem na opinião de que Papuss é um mystificador e Bentes um lunatico. E entre tantas opiniões diversas, como as que neste momento se embatem em volta dos dois Doutores, a chronica, perplexa, ouca ficar calada — depois de ter visto e ouvido, como toda a gente, Papuss na sua urna, e Bentes na sua idia.

— *Entre les deux... mon cœur balance!*

ALFREDO MESQUITA.





## Francisco Isidoro Vianna



prestimos mais ou menos pesados. Foi então que interveiu Francisco Isidoro Vianna, presidente da Companhia dos Tabacos de Portugal, em nome d'esta que, melhor do que nenhum outro estabelecimento, pelas intimas relações bancarias que tem no Estrangeiro, e pela propria situação em que se encontra, poderia obter para o governo portuguez uma operação em condições relativamente vantajosas. Assim foi. Isidoro Vianna negociou-a em Paris, a juro inferior a 6 1/2 por cento, e no dia seguinte áquelle em que firmára com o Ministro da Fazenda o contracto respectivo, em que recebia d'este os agradecimentos justos pelo serviço prestado ao paiz, no proprio dia em que os seus collegas do Conselho de Administração lhe votavam como seu Presidente e como seu representante na operação com o governo, os mais entusiasticos louvores, esse admiravel velho, de rija tempera, naturalmente bom e generoso, regressava a casa para jantar, coberto de gloria é verdade, mas gloria que para elle era quasi uma elegia fúnebre. Horas depois, succumbia a uma *angina pectoris* de que ha muitos annos soffria, e tanto que teve de ser acompanhado durante a ultima viagem pelo seu medico assistente, o Dr. Silva Carvalho.

O Vianninha do Campo Pequeno, como lhe chamavam, hoje chefe da honrada firma bancaria Fonseca, Santos & Vianna, explorára em larga escala a industria dos tabacos, ao tempo do antigo contracto. Terminado este, veiu a liberdade de industria, a esta seguiu-se a *Régie*, e depois o monopollito concedido a um grupo de banqueiros, á frente dos quaes elle estava. Foi pois um dos iniciadores da actual companhia, uma das instituições bancarias mais solidas de Portugal, á qual presidia. Era provedor do asylo D. Luiz I, fôra em tempo deputado, e pertenceu á administração do Albergue nocturno. O seu funeral foi uma apothese.

**V**OLTARA de Paris dias antes, não de uma viagem de recreio mas d'uma viagem de trabalho. Trabalho que a si proprio se impossára, como serviço que entendeu dever prestar ao seu paiz, onde occupava hoje um dos primeiros logares no mundo bancario e commercial.

Lavrada a sentença de Berne, estabelecendo definitivamente a indemnização que ao governo portuguez cumpre pagar pelo resgate da linha ferrea de Lourenço Marques, convinha não demorar esse pagamento. Para lhe fazer face tinha o governo em cofre setenta e duas mil obrigações do caminho de ferro de Leste, contra cuja garantia se lhe offercia dinheiro de varias procedencias, em em-

grupo de banqueiros, á frente dos quaes elle estava. Foi pois um dos iniciadores da actual companhia, uma das instituições bancarias mais solidas de Portugal, á qual presidia. Era provedor do asylo D. Luiz I, fôra em tempo deputado, e pertenceu á administração do Albergue nocturno. O seu funeral foi uma apothese.

**S**ão de um dos maiores prosadores da lingua, bem conhecido dos leitores d'esta Revista, os versos que a seguir publicamos, graças á gentileza com que elle nos os cedeu.

O tom popular que lhes deu, e feito simples e original que lhes imprimiu, fazem d'esta ligeira composição uma peça ao mesmo tempo litteraria e popular, e dão fôros de poeta ao mesmo illustrador, cujo nome bem contra a nossa vontade temos de calar.

### EM LOUVOR DE S. JOÃO

Versos para os cravos de papel da san benta noite  
por um dos seus devotos

No claustro de Odivelias  
S. João tocou tambor  
A chamar almas de freiras  
Que morreram por amor.

Nos campos d'Aljubarrota  
S. João botou chamados  
Para resurgirem os mortos  
Da alia dos namorados.

A' beira do mar sentado  
S. João tocou trombeta  
Para dar noivas aos noivos  
Da antiga nau Catrineta.

Pelo S. João aprendemos  
Eu e tu á beira mar  
Que é terrivel bebedeira  
Bebedeira do luar.

Eu acho que então bebemos  
Do sete-estrello as centelhas:  
A mim ficou-me na bocca  
Um gosto d'estrellas velhas.

S. João entristecido  
De não te encontrar na fonte  
Passou sua benta noite  
Errante de monte em monte.

Entre descante e descante  
Longinquamente eu ouvia  
Uma voz alvarada  
Chamar Maria! Maria!

Mau quebrado me quebrante  
Em noite de S. João  
Se te eu não der n'um cravo  
Recortado o coração.

D'alfazema e rosmannho  
Hei de te armar uma roca,  
Pra ser para mim o cuspinho  
Da primeira maçaroca.

E' leve como as gaivinas  
Sobre as artes de Cezimbra,  
E tens a fina cintura  
De uma bilha de Coimbra.

Um carão de naspreira  
Nunca se nega, Rosinha:  
Venha pois esse carão  
Da tua bocca pra' minha.

O crivo da tua adufa  
E' a minha noite, Maria,  
Porque elle te encobre a cara  
Como a noite encobre o dia.

Seguindo assim a querer-te  
Escuso de responsorio,  
Entrarei já derretido  
No fogo do purgatorio.

Em lugar de uma alcaofra  
Queimarei a gafarina  
De um que vem ás orvalhadas  
De coca pra' tua esquina.

Quero ver se reverdece  
O pelo d'um bodego  
De fogueira á tua porta  
Em louvor de S. João.

Topas logo a minha casa  
Ao ir da terra pra' o ceu:  
Sobre um telhado moramos  
Dois pintasilgos e eu.

Por se acaso queiras ver-me  
Aqui deixo a direcção:  
Avenida via Lactea,  
Numero 1, rez-do-chão.



# UM ECLIPSE TOTAL DO SOL

EM VIZEU

## A corôa solar



Corôa solar desenhada em Vizeu pelos aspirantes de marinha J. Jacques, M. d'Almeida, S. Faro e J. Torres

### Dia 26 — (A caminho de Vizeu)

Ora o mundo, meus senhores, é uma bola! Ha quem diga ser tal asserção falsa, amanchucando a galhofeira, isto é «moldando a bola como quem amouga um côco.

Fiquemos pois antes n'isto: o mundo é uma bola chata... e ficam com os mestres!

A lua, é outra bola, meus senhores!

havendo tambem quem avance ser uma bola oca.

O sol... é tambem bola.

Bola talvez gaseosa, talvez liquida, da consistencia do pez, toda em fogo, origem de projecções igneas, linguas de hydrogenio incandescente e coradas toda em volta de cometas.

Indiscutivelmente lindo!  
E é isto o que eu vou ver...

Feito este raciocinio aconcheço melhor o *couvre-pieds*, tento dormir.

Sobre a bola-mundo esgardinha ruidosamente o comboyo que me leva... ao eclipse.

E no mesmo compartimento, ao meu lado, sob a mortifica cor verde do pára-luz das lampadas uma loira arrubla com seu loiro...

O ruido do comboyo e o aciar dos loiros não consente que eu durma. Portanto não durmo. Volto a raciocinar.

Meus senhores: esta loira é uma bola!

Gordinha, airosa, flor d'estufa com algum aroma... (a trevo encarnado no lenço de renda), muito vistosa, com dois pingos de brilhantes nos lobulos de cera das orelhas (e portanto sem a preocupação do dia d'amanhã); com dois olhos quebrados de moleza (e portanto sem saudades da virgindade d'ontem).

O loiro, meus senhores, se é bola... é oca!

Mas tal é a fatalidade meteorica da sua vida, que nem me veem, nem pareço importuna-los nem pareço acompanha-los. São dois noivos... duas bolas tornadas discos, dois discos sobrepondo-se, confundindo-se... plena totalidade!... Acabou-se! Deu-se o segundo contacto... não reparam que a gente o observe á vista desarmada.

Ora enfiando os tres centros das tres bolas: sol, lua e terra, interponta a bola-lua entre a bola sol e a bola-terra... tapado o disco luminoso e enorme do sol com o disco negro e pequenissimo da lua — como quem tapa com uma moeda de tostão um enorme prato pendurado na parede, collocando essa moeda a distancia conveniente d'um olho — passará a não se ver naturalmente a bola loira, e apenas se desorientará de tal loirinha, atravez do craneo oco do seu loiro, a sua fulgurante cabelleira denominada pyrotechnicamente corôa solar.

Que é o que eu vejo. Cabelleira despenteada, já se vê, nimbada da luz verde do store das lampadas e dourada da cor propria... Resolvo interromper o eclipse.

— O cavalheiro faz favor diz-me se essa senhora consente...

O loiro volta-se com maravilhas de colera nos olhos claros:

Consente o que... o que tem o senhor com isso?

— Perdão... se essa senhora consente... que eu fume...

Muitas desculpas... pois não... que até adora o cheiro do tabaco... já se vê do bom-tabaco... aqui tem o cavalheiro lume.

Sorriso, accomodo-me melhor, dormito... Decididamente a amabilidade é outra bola...

Ouçõ gritar: *Pampihosa*... precisamente quando me sentia tambem bola e lá ia entre estrelas loiras... contactando. Desperto pois estremunhado, diho o compartimento ainda no ultimo solavanco da paragem. Parará o sol, parará a lua. Dormem profundamente os loiros, juntas as duas bolas das cabeças. Fujo horrorisado ao cataclysmo.

Na longa espera, com que é d'uso permittir aos passageiros da Beira-Alta que durmam quatro horas de pé pelo asphalto da estação, tive o prazer de complimentar o *Sol-naucante*. Esse moço que eu não via ha muito tempo é risonho e é fresco, accompanha com madrigaes as cachopas de cantaro á cabeça no caminho da fonte, e corre afoitamente pelos pinhas de rinda fina.

E é como os senhores sabem... uma bola.

E quando este moço lá trepando já no ar de prata, avisto novamente a bola-loira com seu loiro. Caminham devagar e lá se somem no intrinsecado vicioso do arvoredo.

O sol, ó sol... Que Deus os abençõe... o Deus que nos fez bolas... a ti... aos loiros... ao mundo... e a mim!

### Dia 27 (Em Vizeu, no hotel Mabilia).

— Não me deixa então por mentiroso... Temos o Chianti em Italia... o Valdepeñas ou o Rioja em Espanha... O Grave... o Petit-Vin... (perfeita zurrapa) em França... Como quem diz, ha Chianti na Italia toda, Valdepeñas em toda a Hespanha, Petit-Vin por toda a França... Aqui não, cada região tem seu vinho... País rico... rico vinho!... Este verde não é o verde de Monção, mas veja que *cachê*, veja que cor, veja que gosto... Bebe-se é como se fosse agua... Que eu bebi um Chianti em Veneza!... Mas em Veneza, as pombas — não é assim senhor doutor?... dão multisimo caracter a Veneza... Que em Lisboa tambem temos animaes que nos dão caracter... Os gatos!... Os gatos em Lisboa, são como as pombas em Veneza... são como os cães em Constantinopla... Mas as pombas... muita poesia!... Rapaz, traz o café... Sobre os contactos, minha senhora, tenho a minha opinião formada, e é muito facil de perceber, pois não é assim senhor doutor?... Por occasião do eclipse ha quatro contactos: primeiro, segundo, terceiro e quarto... Vou exemplificar... Deixe-me Voceclera ver uma moeda de quinhentos réis. Belo... agora outo de duzentos. Soberbo. A de duzentos... é o sol... agora aqui vai a de quinhentos... é a lua. A desproporção é necessaria para a demonstração. Caminha a lua em direcção ao sol... e tocam-se: primeiro contacto... ah! ah!... escurrega agora a lua, que são os cinco tostões sobre o sol, que são os dois tostões... Do sol apenas se vê um crescente cada vez mais estreito até que por fim desaparece e este bordo da lua toca este do sol... eh! eh!... segundo contacto, scintillam as gotas de Baily... começa a totalidade... Tudo escurece... as gallinhas procuram os seus poleiros... os burros deitam-se... os cães aconchegam-se de rabo cahido, aos donos... os grillos cantam, e o espectáculo do céu é surpreendente! A roda do sol faiscam cores in... insolitas, o terror apodera-se do homem á medida que o ar esfria... ninguém respira... a lua vê-se que é bola! Até que continuando os cinco tostões a andar em cima dos dois tostões de novo os dois lados oppostos se tocam... ih! ih! terceiro contacto... Espirra de novo a luz, n'um jorro grande. E outra vez dia, acaba a totalidade, outro crescente apparece nos dois tostões cada vez maior até que sahida a moeda de quinhentos por inteiro de cima da de duzentos — pela ultima vez se tocam pelos seus bordos como succede quando se approximaram e eis minha senhora o quarto contacto... Rapaz... traz cana... Não ha como viajar... com comodidades está bem de ver. Comodidades e appetite... Eu por exemplo estou agora com muita vontade...

(O doutor interrompe:

— Homem... repita a soap.)

— Perdão... ah! ah! com muita vontade mas não é de comer, é d'ir á Grecia... eh! eh! Um creado de V. Ex.\* minha senhora... esqueceu-se V. Ex.\* d'alguma coisa... O loque talvez...



Corôa solar photographada em Vizeu pelo 3.º commandante da Escola Naval, Sr. Paulo Cid



# UM ECLIPSE TOTAL DO SOL

EM VIZEU

As missões scientificas



Missão da Escola Polytechnica



Missão de Coimbra



O astronomo Muller



Missão da Escola Naval



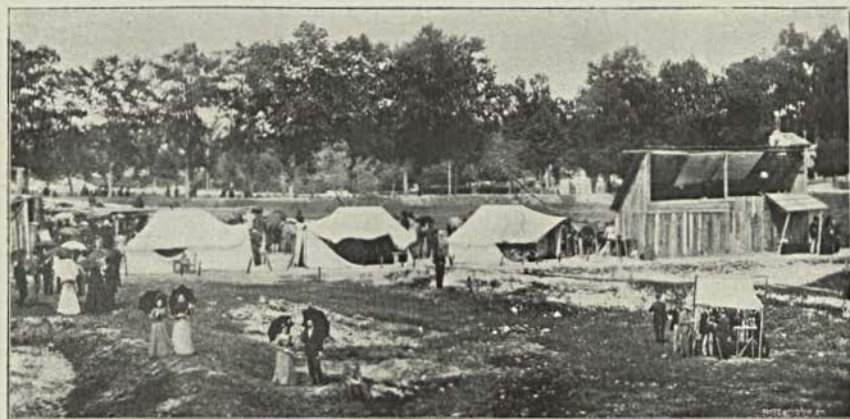
O director da Missão de Coimbra e o Dr. Rocha Paizoto



Missão de Coimbra: Espectroscopia



Missão de Coimbra  
Experiencias sobre a polarização



Phot. de Ponce & Filho - Vizeu

Vista geral do acampamento



# UM ECLIPSE TOTAL DO SOL

EM VIZEU

## O acampamento e a Sociedade de Geographia



A' chegada da Sociedade de Geographia

exterior... A exterior é notavel por... Diz V. Ex.<sup>a</sup>? A meia corôa? A lua... Oh! mil perdões, tinha-a guardado... Veja V. Ex.<sup>a</sup> a minha distracção... tinha-lhe guardado os cinco tostões... Elle sempre ha cada uma... eh! eh... Quer V. Ex.<sup>a</sup> saber? Em Paris ha dois annos... Qué... a moeda de duzentos tambem era de Volelencia?

Dia 28 (Manhã).

Madrugada de Vizeu. Ceu anilado, limpo, e calmo. Sóbe a cidade do fio da ribeira do Pavia ás torres da Sé, em degraus de granito e cal, mas muito alegre, muito acedada, muito bem enquadrada na palmeagem beirã, agora exuberante e florescente n'um fim de maio cheio de flores... que são risos da côr e gargalhadas da luz. Ergue-se ao alto com uma immobildade de pintura gigante a sua Memoria, um pinheiro secular, empoirado, de porte monumen-



O acampamento em estado de sitio

tal, rigido, eterno. Dir-se-ha que não ha vento que o sacuda, ar que o seque, tempo que o gaste. As suas raizes são tentáculos com que fortalece o morro de Vizeu. braços com que lhe alicerça a casaria. E na sua ramada que deve ter desde seculos o mesmo feito heraldico d'emblema d'escudo, muitos olhos já decerto se fixaram... os olhos cheios d'esperança das moçolias... as moças de Vizeu d'olhos ternos e grandes, mais scintillantes que pedras lapidadas de casula preciosa.

Madrugada de Vizeu, ia dizendo, socegada e fresca... eis senão quando, estrepitam no ar bombas de foguetes... ouve-se o hymno... Lá vem gente da minha terra, não haja duvida, que lhe co-nheço o arfar festeiro na inquietação da atmosfera. Vem ao eclipse. E invadem Vizeu com uma bandeira á frente, como barbaros recebidos n'uma capitulação sem condições... Sem condições... mentira... com as seguintes prolixas condições: almoçar ás 8, ir á camara municipal ás 9, terminar a digestão ás 10, ir á Sé ás 11... vêr o S. Pedro do Grão Vasco ás 10 e 1 quarto... a escada do Seminario ás 11 e meia... visitar as pessoas das suas relações ás 12... lavar a cara á 1... marchar para o Colyseu do eclipse ás 2 horas 20 minutos e 50 segundos e meio... E assim por deante até ao embarque de novo com foguetes e hymno, ás 7 horas... permitta-o ou não o permitta o tempo.

São elles... conheço-os... vem derraçados e sorridentes, e logo debandam em procura de guarda, mas promettem solidariedade geographica nos Paços do Conselho ás tantas horas.

Diz V. Ex.<sup>a</sup>?  
A meia corôa?  
V. Ex.<sup>a</sup> refere-se á corôa solar. A corôa solar pode dividir-se em corôa interior e corôa

E o programma cumpre-se... e é excedido em gloria e luzimento.

Queiram vêr:

A caminhar das coisas das suas relações a Sociedade de Geographia ao descer triumphalmente uma encosta cerca do arco dos Remedios, faz-se um alarme grande em certa varanda coalhada de senhoras. Corre tudo dentro... ouvem-se palavras anciadas; — Mamã... mamã... depressa... é elle!

E em peso todos voltvem á mesma varanda, olhando por detraz de vidros fumados, como se fosse ao sol... o sr. Luciano Cordeiro... de sobreca-saca e chapéu alto com abas de corôa solar, p'rá circumstancia.

Foi por engano... mas deixa-lo... foi impontentissimo.

Dia 28 (Tarde).

Está proximo o drama. A bola-lua deve já andar invisivel no ar azul, prestes



Vanguarda da Sociedade no seu passeio á cidade

a interceptar a luz da bola-sol.

O acampamento da Sciencia, é n'um es-caldado alto de Vizeu, com longes de pinhaes e estu-mados de ser-ras, a estrada perto fazendo vallado, hortas pacatas a um lado, pontuações esguias d'um cemiterio ao outro.

São barracas modestas de pinho, com ar de feira em debandada, accomodações de campanha, em cabanas de lona estirada. No entanto vê-se lhe a gravidade da labuta porque dos altos das barracas e em vigias abertas na lona, com a mesma inclinação, a mesma pontaria, o mesmo fito, hiatos d'oculos apontam como canhões ao céu.

De resto esta esmagadora impressão de que qualquer tragedia militar se vae passar, mais realta das sentinellas em armas, postadas a metro de distancia... para que ninguém ouse invadir o acampamento.

Está proximo o drama. Um toque de corneta rasga o ar quente. Toque de prevenção. Tenenmente, velhacamente, já nuvens como gaze subiram da cadeia de montanhas em volta e foram empanando um tanto o brilho ao sol. Outro toque de corneta, que faz bater o coração mais forte. Sentido! E no silencio das coisas entram os pregeiros a contar alto os segundos:

— Um... e... dois... e... tres... e... quatro... e... cinco...



Os intrusos no acampamento

Um grito rugue: "Fôra.. Outro toque de corneta... Começou o eclipse!... Muitos minutos passam... já se vê uma estrella como um ponto de prata no céu d'um azul embaciado... as sombras enfraquecem... uma luz pallida illumina tudo... luz desusada, como d'atmosfera tormentosa... O sol



O Presidente da Camara Municipal Dr. Luiz Ferreira com o sr. Luciano Cordeiro no acampamento



# UM ECLIPSE TOTAL DO SOL

EM VIZEU

## Aspectos da cidade



Pelourinho e Misericórdia

é um crescente estreitíssimo. Outra vez a corneta interrompe o silêncio da Sciencia que perscruta.

### Prevenção.

E os pregoeiros como relogios falantes, contam irritantemente: — e... e... seis... sete... e... oito...

E a um rasgo de clarim, matematicamente, militarmente, como se o Universo fosse um quartel, a sombra da lua projecta-se finalmente sobre nós. Espirram gotas de luz do ultimo resquicio do crescente. O céu é d'un azul escuro. Em vez do sol ha agora um disco negro, que um resplendor magnetico circunda. — Brilha mais a estrela de prata. Por momentos conserva-se na atmospherá as-



Prisão e Sé

sim desusadamente illuminada a pyrotechnia desfallecente da corôa solar, como rodinha de fogo que ao aspirar nos deixa ainda na retina um resto d'impressão luminosa.

Precisamente n'estes curtos minutos, longe d'alli, no isolamento da sua simplicidade, um pobre ignorante, vendo empanar-se a luz e olhando o sol, tão extranha lhe achou a catadura que lendo no desaparecimento do seu brilho a morte da terra... correu a afogar-se... erigido de pastor...

E precisamente n'estes curtos minutos alguém junto a mim... estarteceu:

— Magnifico, esplendido, unico... Bravo!... Bravissimo!

Interrompo:

— Acho banal...

— Era o companheiro:

— Também eu... Esperava mais... mas como faço parte da *claque!*...

Mas um jorro de luz roxa irrompe d'un dos lados do disco negro a outro estridular de corneta. E de novo o antigo sol, derrama na velha terra a sua luz fecunda.

Continúa ainda o mesmo contar do pregoeiro:

—... e... quatro... e... cinco... e... seis.

Dia 28 (Anoitece).

A porta d'un hotel, duas crenaturas de palito na bocca e guarda-pó:

— Fomos roubados.

— E o costume... Todavia... eu.

— Pois sim mas não era de esperar...

— Todavia... eu não fui.

— Pêrdão foi tal... fomos todos.

— Ora essa... mas a Sociedade de Geographia tinha tudo prevenido... e eu continuo na minha... eu não fui.

— P'ois ahí está a buria... A Sociedade de Geographia...

— Peço desculpa só foi roubado quem o quis ser...

— Ora essa... então não fomos todos roubados... na totalidade...

— Precisamente na totalidade... eu não fui... Eis a minha conta... jantar e almoço 1830 réis... e jantei duas vezes...

— Homem... tocé... quando fallo da totalidade fallo da totalidade do eclipse que devendo durar 52 segundos durou só 77.

— Reclame á Sociedade... peça outro touro.

Dia 29 (De volta de Vizeu, na Pampilhosa).

Alguem vindo d'Uvar, ao saber que jantava no bufete o alemão Müller, reconvindo de Vizeu, onde fóra pesquisar as ultimas novidades e confeccões d'este verão, sobre Mercurio apressou-se a entrevistá-lo.

O sabio Müller usa uma barba acedada e grisalha nas faces vermelhas, olhos ovais d'investigador germanico, e duas senhoras tambem allemãs, uma de cada lado.

Vae gostando de Vizeu... adorando a lingua portugueza, que se entreteve estudando pelo Ollendorff na sua curta estada na patria de Viriato... E tanto que á pergunta do curioso:

— Via Vossa Excellencia, como esperava, o planeta Mercurio?

O sabio respondeu pelo Ollendorff:

— Não vi o Mercurio do nosso eclipse, mas vi as lindas botas de coiro da irmã do nosso vizinho!



Na Praça



No Mercado



O mercado das terças feiras



As padarias

ARNALDO FONSECA.

Junho, 1900.



# THEATROS



**E**SCOLHENDO entre todo um variadíssimo repertório lyrico que o Colyseu das Recreios lhe apresenta noite a noite, ha umas poucas de semanas, o publico dilettante de Lisboa, tem tido esta ultima quinzena duas novidades de sensação. Uma saltada lá e volta ao Colyseu, que as operas succedem-se e taes quaes os dias do poeta, *se se ressemblent plus. Só o Baile de mascarar marcou epocha. Se ha tantos annos elle não apparecia!* De S. Carlos voaram já para regiões etheraes os ultimos ovinnos de essa deliciosa opera, que de um publico quasi inteiramente novo se fez agora ouvir na vastissima sala do Colyseu.

Mas vamos ás duas novidades. Uma veiu de França, trazida por uma das ultimas *troupes* que estiveram no D. Anelliá. É uma peça moderna, da cabeça aos pés: enredo, typos, episodios. Enredo fim de seculo, se quizerem, typos essencialmente parisienses, desconhecidos do nosso meio, personagens com quem se não topa ahí por essas ruas, episodios que fazem rir ao mesmo tempo que fazem pensar como tudo isto caminha n'este mundo novo; costumes e

sentimentos. Ah! mas é bem feioza essa peça escripta em pleno boulevard assistindo como que n'um cosmorama á passagem rapida de figuras typicas, quer no moral, quer no phisico, invidadas todas ao sopro de um talento marechal de critico e de pensador. *Les amants* não são positivamente os amantes que se conhecem ahí por essas ruas fóra. São os amantes puxados á sustentancia pelo espirito fresco de um boulevardier, o que não quer dizer que mais de um coração não estremeça, ao vel-os em scena e mais de um organismo hysterico lhes não tenha inveja.

Desenhar assim personagens tão extranhas para o nosso meio, não é tarefa artistica facil. Mas as difficuldades suppru-as á boa vontade, e o grupo de artistas em villegiatura que sob a direcção de Joaquim d'Almeida e Maria Pia d'Almeida, se formou para nos dar em primeira mão a deliciosa comedia de *Donnay*, pôde gabar-se de ter satisfeito o paladar artistico de Lisboa com o apto apimentado accepe, no que se prova que a cosinha antiga vaé passando de moda, quer no lendario cosido, quer no drama capa e espada, que ambos fizeram as delicias dos nossos avós.

Joaquim d'Almeida, com todo o seu talento, adivinhou o que não sabia — está ahí o segredo dos grandes artistas; Maria Pia deu-nos á vista o que aos nossos ouvidos não ponde dar. Que esplendidas *toilettes* elle exhibiu, que lindas phrases ella nos disse! *Donnay* se a conhecesse talvez escrevesse *Les amants*, mas escrevia-os... de outro feito.

A outra novidade é essencialmente nacional. Preparou-a, amoldou-a, cosinou-a e espirito sempre alegre de Eduardo Schwalbach, a fecundidade mais poderosa que tem apparecido na litteratura dramatica do nosso país. Elle só por si enche todos os theatros, diverte toda uma capital, e se o deixassem, elle que raro sae de casa, nunca sairia... dos cartazes. Em menos de tres mezas lançou nos palcos de Lisboa tres produções, cada uma do seu genero, cedendo á moldes diversos, correspondendo a exigencias as mais curiosas, e á todas ellas, o publico acolheu sempre com enthusiasmo pelo menos com reconhecimento. Riu com o *Varrit do lixo*, que era uma revista, riu mais ainda com a *Bisbilhoteira*, que era uma comedia, e agora o bom do burguez alargou a fivela do seu collete para rir com o *Dente do Maquirico*, que é uma magica. Escripctor que n'um meio pequeno, como o nosso, consegue arran-

car, no gabinete de trabalho, ao seu espirito tão inventivo e ao seu talento tão vivo, todas essas scenas que compõem as tres peças citadas, merecia bem uma estatua, fundida — em moedas de dez tostões, que são as mais pesadas e as mais caras em prata.

O *Dente do Maquirico* não é positivamente dentro da carta constitucional das magicas, um acto adicional revolucionario, porque conserva ainda dos moldes antigos os artigos que praticamente se provou serem efficazes na sua acção — isto é nos effeitos para com as plateias — mas é com certeza uma reforma opportunistica, que sem alarmar os conservadores, satisfaz os mais radicacs. Representa para o mundo theatral o que a reforma projectada da nossa constituição não conseguiu representar para o mundo politico. Schwalbach fez, sózinho, o que o partido progressista todo junto não ponde realisar.

O *Dente do Maquirico* conserva na sua contextura muito de antiquario, mas do bom, e francamente fez bem. Para uma sociedade que anda sempre á procura da arte dos nossos avós, é preciso reservar sempre qualquer coisa d'essa arte, quer se traduza n'uma poltrona do Imperio, quer simplesmente no anjo bom de uma magica! Imprimiu-lhe a mais, o seu auctor, a critica alegre dos ridiculos que apresentou, transformou-a quasi que n'uma chronica ligeira, viva, scintillante, graciosas, e metteu dentro d'ella, juntamente com a magia de uma carpinteria technica bem urdida, o achado piacresco do dialogo, a vivacidade da graça portugueza, o achadros do imprevisto mais travesso e mais faceto. E como para a *réussite* d'este genero theatral, a essencia se busca sempre n'uma mulher bonita, — teve Maria Gonzalez, d'esta vez, a ajudado e com brilho.

Chamam a esta actriz a *Portuguesa*, porque nasceu em terra nossa. Afastando-se do país para a Hespanha vininha, apaixonou-se pelos costumes typicos d'essa nação. Ella que tinha a graça nativa, quiz ter tambem o *salero* adoptivo, e depois de ter feito furor, nas zarzuelas do seu tempo, lembrou-se — e fez bem — de vir deixar tambem no theatro portuguez um pouco da sua graça, como quem sente que essa prodigalidade gentil para com os seus patricios lhe não fez falta. Quem tão rica é de encantos, não fica mais pobre, dividindo-os pelos necessitados. Por isso estes a aclamaram agradecidos, enthusiasmados.

Auxiliaram-a bem todos os outros artistas, entre os quaes os ha de grande valor, como Beatriz Rente — que apresenta um delicioso travesti — e Valle, que é sempre o actor exuberantissimo de comico e de talento.

O theatro da Rua dos Condes, com o *Dente do Maquirico*, encontrou a sua mascotte. Eduardo Schwalbach foi para elle o que o Alexander tem sido para muita gente boa — um allivio, e só com esse dente, pôde ficar sem os outros, que não fica deit'uoso!

No numero immediato daremos instantaneas das melhores scenas.

E agora esperemos a *Princesa Encantada* que o theatro de D. Ameliá está tratando de vestir ricamente. Esta vem de Paris Lá, chamavam-na *La belle au bois dormant*. Os traductores, cá, — habilitaram-a com o titulo de *Princesa*, e de mais a mais encantada, o que nem todas as princezas são.



BARYTON FRANCISCO PAIGENTI  
(Do Colyseu das Recreios)



CONTRALTISTA GIANNINA LUCACISKA  
(Do Colyseu das Recreios)



# BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Text. e capa: Companhia Nacional Editora

Largo do Conde Barão, 50

Páginas suplementares: Os. Esteves Nunes & F.ª

Rua d' Assumpção, 18 e 24

Romance: Typographia Castanheiro

Calçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENA ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjã Tavares

Editor

Luis Antonio Sanchez

Redacção e administração—Rua Ivens, 53

LISBOA

Endereço telegraphico—BRATUGAL

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO
Anno.....	6\$000	Anno.....	6\$000
Numero avulso (moeda brasileira).....	2\$500	6 mezes.....	3\$500
		3 mezes.....	2\$000
		Numero avulso.....	3\$50
		Anno.....	6\$000
		6 mezes.....	4\$500
		Numero avulso.....	5\$00

## SUMMARY

**Chronica.**—A arte applicada em Portugal (a proposito da helleis Barakona)—Ramalho Ortigão. (Illustração de Alfredo Moraes).

**1.º Centenario do Brasil.**—A excursão ao Corcovado e ás Pátrias.—O cortejo do 4.º centenario (Illustrações de Alfredo Candido, Rio).—O carro allegorico do Brasil-Portugal no cortejo civico de 5 de maio, no Rio de Janeiro.—Na Tijuca (Picnic oferecido pelo Ministro da Marinha).—As corridas de cavalos no "Derby-Club".

**Castello do Outão.**—Inauguração do Sanatorio.

**Notas da Quinzena.**—Alfredo Mesquita.

**Francisco Isidoro Vianna.**—(Illustração de A. Pin).

**Verões e S. João.**

**Um eclipse total do sol em Viseu.**—Arnaldo Fonseca.

**Theatros.**

### Páginas suplementares

**Contos pequenos**—L. T.

**O carro do Brasil-Portugal no cortejo**—Apreçições da imprensa brasileira.

**O Rio e a agulha**—(Conto modo).

**Sol (verão).**

**Guilto, Thiers e Bismarck.**

**O dinheiro antes... e depois!**

**Viagens na minha terra**—Visconde Almeida Garrett.

**Pensamentos.**

**Photographia Americana.**

**Bibliographia.**

**Aneddotas.**

**Liros de Ocho.**

**Carta da Quinzena.**

48 ILLUSTRAC. ES

## OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

### No Brasil

**RIO DE JANEIRO** e **S. PAULO**—Agencia Central dos Estados do Sul, Coronel Theodilo Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua da Alfândega, 4, sobrado.

**PERNAMBUCO**—A. Leopoldo da Silveira.

**PARA**—J. B. dos Santos & C.ª (Livraria Classica)—Rua João Alfredo, 59.

**MANAOS**—Lino Aguiar & C.ª

**MARANHO**—Leoncio J. de Medeiros & C.ª

**CEARA**—Selles Torres & C.ª

**BAHIA**—José Luis da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães)—Rua Direita do Palacio, 23.

## EXPEDIENTE

Deixou de ser empregado d'esta empreza o sr. Eduardo de Aguiar.

## O NUMERO IMMEDIATO

No nosso numero 35 serão consagradas algumas paginas ao eclipse do sol visto em Ovar. As gravuras são feitas por photographias expressamente tiradas para o *Brasil Portugal* pelo artista que enviamos áquella terra.

O artigo sobre os resultados scientificos do eclipse será firmado pelo eminente mathematico o sr. Marianno de Carvalho.

## CENTENARIO DO BRASIL

Ainda no numero 35 dedicamos algumas paginas ás festas realisadas no Rio de Janeiro. Publicaremos gravuras das ultimas photographias que acabamos de receber.

## CONTOS PEQUENOS

I

Se se amavam?

Que o digam os roseiras floridos, as ramagens das carvalheiras onde gemiam as cigarras encalmadas, o rumorejar do ribeiro, o deslizar das brisas nos trigos loiros e as tres gerações de melros, que os espreitavam cheios de curiosidade, de entre os espinheiros da matta.

Porque havia tres annos que elles se queriam e trocavam protestos e beijos, com grande estapato da passad'a que nunca ouvira musica tão suave nem gorgeios que mais invejas lhes causassem.

Que limpidas notas aquellas e que bellos compassos de espera, tão curtos, tão curtos, que ás vezes já o sol se escondêra e os ninhos tinham emmudecido e ainda os dois segredavam umas coisas subitas no silencio dormente da matta!

Tres annos! Devia ser um amor ideal, um amor sublime, um amor perfeito, aquelle amor que resistira a tres invernas successivas...

II

N'aquella tarde havia festa no cemiterio do povoado—uma festa triste. O sino da capella gemia pelos echos da matta, e uma cova escancarada descerrava a antecâmara do céu, onde ia reentrar um anjo d'all fugido.

O caixão estava todo cheio de flores. Pois se ella está no meio das flores—ella, a Rosa pallida, desfolhada e fria, agora que a primavera sorria ás outras rosas! Nessa tarde os bisnetos do melro negro da matta debalde esperaram nos seus *fanteuils* de folhas pelo concerto dos outros dias, e no rumorejar da ribeira até parecia haver soluços...

III

E elle?

Coitado do Narciso!

Soffreu tanto, tanto, que dois mezes depois casou-se...

Se se amavam?

Que o diga o deslizar das brisas nos trigos seccoos e um melro velho que ainda hoje vem pousar nos galhos nós das carvalheiras, lançando piros doridos ao silencio da matta, em que a ribeira soluça de manso...

L. T.

Provenem os preciosos Vinhos de Adriano Ramos Pinto



## O CARRO DO "BRASIL-PORTUGAL"

Todos os jornais do Rio de Janeiro se referem, com palavras de elogio, ao carro allegorico que esta Revista fez figurar no cortejo civico de 5 de maio.

Reproduzimos hoje a opiniao de dois dos principaes jornaes:

Do *Jornal do Commercio*:

«A Revista *Brasil-Portugal*, importante publicacao de Lisboa, cuja accoitação no Brasil é a confirmação do seu valor e do apreço em que é tida, va representada no prestito pelo seu redactor sr. Lorjô Tavares e pelo sr. A. Pollo, agente no Rio de Janeiro.

Para commemorar a gloriosa data, a prospera e futura Revista apresentar-se-ha no prestito com um carro allegorico.

O carro é de dimensões bastante regulares, quatro metros de comprimento, dois de largura e cinco e meio de altura total.

E' formado por meio de uma plataforma cingida com um largo friso azul coberto de flores de ouro e com dois largos cordões manuelinos no alto e em baixo. D'este ultimo pendem as largas pontas de um baldaquino heraldico matizado de cores vivas.

Sobre aquella plataforma que se acha guarnecida de sambambaias, crotens vermelhos e avenças, sementes de dhalias brancas e douradas, destacam-se tres grupos.

O do centro representa um volume encadernado da Revista *Brasil-Portugal* tendo as capas de cor branca esverdeada e levando desenhadas nas mesmas de um lado o esgrafitado que ostenta habitualmente a mesma revista em cores azues e do outro lado com as mesmas tintas: «Homenagem da Revista *Brasil-Portugal*».

Ao lado d'este livro ergue-se um enorme tinteiro do qual sae enorme penna de ave atada por meio de uma laçada de folhagem ao lapis emblematico.

Do lado opposto um grande bouquet de flores emblematico da arte feito de largas folhas e de flores vermelhas e de ouro.

Enfim sobre a frente posterior do carro vão enlacedos os escudos em relevo do Brasil e Portugal, destacando-se sobre um grande leque de folhas de palmeira com mais de 2 metros de comprimento pintados de ouro, prata, bronze, carmin, etc., e fazendo lindo doceol aos referidos escudos.

Os animaes que puxam o carro vão cobertos de grinaldas de rosas e de folhagem.

O trabalho e a direcção d'este carro são do engenheiro Moraes de los Rios, tendo como auxiliares os srs. Rossi, Juca & Irmao, Havoie, Tassano e Almeida Guimarães que tio boa prova deram de si auxiliando os trabalhos do grande arco manuelino do mesmo engenheiro.»

Da *Gazeta de Noticias*:

O carro da Revista *Brasil-Portugal* representava um volume encadernado da Revista com capas das cores portuguezas. Na capa principal via-se o titulo da publicação com os desenhos que ordinariamente a decoram. Na capa do outro lado lia-se: «Homenagem da Revista *Brasil-Portugal*». No lombo da encadernação de cor carmin liaam-se o titulo da Revista e os nomes de seus directores. Os cantos eram dourados.

O livro descansava em pé, collocado diagonalmente sobre a plataforma do carro, deixando fluctuar no ar os seus registos feitos com fitas das cores brasileiras e portuguezas.

Toda a plataforma achava-se guarnecida de avenças, sambambaias e crotens vermelhos, tendo uma cinta em volta formada de grinaldas de folhagens e flores de ouro e dhalias brancas.

Nos cantos estavam collocados um tinteiro monstro com comprida penna de escrever e um lapis, emblemas das artes que cultiva a Revista.

No angulo opposto ao tinteiro erguia-se um bouquet de flores naturaes rodeado de crotens vermelhos.

Na parte posterior ostentavam-se os escudos em relevo do Brasil e de Portugal unidos entre si pela mesma decoração esculpida e detrás dos quizes se erguia enorme leque formado por grandes folhas de palmeira real douradas, prateadas, bronzeadas, vermelhas, etc., formando um verdadeiro iris fluctuante.

Ambos os lados da boléa estavam cobertos de folhas naturaes de palmeira de leque e cobrindo a boléa uma linda capa de fazenda.

Debaixo da plataforma vae um amplo baldaquino heraldico com escudos e emblemas, cobrado de uma larga sanefa azul coberta de flores de ouro e cordões manuelinos do mesmo metal.

Enfim, os burros que puxam o carro vão enfeitados com bouquets de rosas e com grinaldas de dhalias e de folhagem que lhes cahem dos lombos até o solo.

Este carro foi projectado e dirigido pelo engenheiro Moraes de los Rios, tendo como auxiliares os mesmos que trabalharam no seu arco manuelino.»

... Oh, dae-me um valle,  
Onde haja o sol de minha patria e a brisa  
Matutina da tarde, e a vinha e o cedro  
E a laranja em flor, e as harmonias  
Que a natureza em vozes mil murmura  
Na terra em que eu nasci, embora falte  
No concerto immortal a voz humana,  
Que um erro assim povoadr meus dias.

ALEXANDRE HERCULANO.

## O CÃO E A AGULHETA



1



2



3



4

Uma senhora muito trocista falando com um advogado distincto disse-lhe:

— Não gosto de o vêr de boca. Parece-me um homem vestido de mulher... desleante. Porque se disfarçam os senhores em mulher?

— E' porque temos de falar muito...

## SI-SI

Conta uma linda oriental que havia  
Aberta a luz como estranho lotus  
Uma formosa dama suave e esguia  
Vinda, a tremer, de uns claros ceos ignofus,

Os proprios bonzos, tremulos devotos.  
Comparavam-na à luz fugidia;  
E ella era ao brilho dos espaços rotos  
A flor mais rara que em Pekim fulgia.

O imperador da China ar dava louco  
E mandarin, um senho ideal de asceta,  
Vinham fitar-lhe os linguads olhares.

Jolas davam-lhe ás mil... e era tão pouco!  
Que ella aspirava o eterno ar de um portão  
E um pagode chinês de cinco andares.

LUIZ ROSA.

## Guizot, Thiers e Bismarck

No album do Conde de Euzenberg, escreveu um dia Guizot:

— Na minha longa vida apprendi dnas maximas: a primeira perdoar muito, a segunda não esquecer nunca.

Thiers que lhe era rival em politica, accrescentou em baixo:

— Para o perdão ser sincero não seria mau um pouco de esquecimento.

E Bismarck escreveu depois:

— Eu por mim tenho apprendido a esquecer muito e a pedir que me perdoem bastante.

## O dinheiro antes... a honra depois!

Um caso de divorcio que dá uma nota original nos costumes inglezes foi julgado pelo tribunal dos divorcios de Londres ultimamente. Eis succintamente o que se passou:

Certo dia, o tenente general exercido das Indias, Marrison, surprehendeu sua mulher na occasião em que ella assignava o seguinte bilhetinho, que era dirigido ao seu correspondente major Rose:

Meu menino:

«Soffro cruelmente sempre que vejo meu marido beijar a pequena Elzie. Não posso mais ver «semelhante coisa!»

Apertada com perguntas, M.<sup>me</sup> Marrison confessou a seu marido que, dos seus quatro filhos, dois sómente eram d'elle, e que o verdadeiro pai dos outros dois era o major Rose.

Imaginam, talvez, que o tenente coronel correu logo a provocar em duello o auctor da sua deshonra? Qual historia! Intentou simplesmente um processo contra elle, obrigando a pagar as sommas dispendidas com a educação dos dois filhos que lhe não pertenciam. E o tribunal deu-lhe razão! Depois, mas só depois de embolsar a massa, é que requereu o divorcio. Os inglezes são praticos!

Os jornaes allemães falam na possibilidade do casamento do imperador Francisco José. O soberano, apesar da sua idade avançada, espera ainda poder arranjar um herdeiro... Fala-se na infanta Mercedes, irmã do fallecido Affonso XII e tambem n'uma princeza de Parma, irmã da fallecida princeza da Bulgaria. Este casamento, em perspectiva lembra-nos o do velho marechal de França, Pelissier. Este valente militar tinha sido punhado, quando casou com uma menina de 13 annos! No dia da cerimonia, elle chamou os seus ajudantes de campo, e disse-lhes com ares ameaçadores e marcias:— Se d'aqui a um anno eu não tiver um filho... metto-os em conselho de guerra e comigo se haverão... Meia volta á direita!... Ordinario marchel...

Joga-se o écarté. Um sujeito volta o rei pela decima vez.

O parceiro diz-lhe com ar enfadado:— «Tres, quatro ou cinco vezes... vá, mas dez a fio é mais!» E accrescenta supplicante:— «Pedi, comtudo, ter dó de mim... e volt-o só de cinco em cinco vezes!»



## VIAGENS NA MINHA TERRA

## CAPITULO VII

«Voltar à meia noite do Bois-de-Bologne — o bosque por excellentissima, descer, entre nuvens de poeira, o longo estádio dos Campos-Elysées, entrar, na rápida carreira, o obelisco de Luxon, as arvores das Tulherias, a columna da praça Vandamme, a magnificência heteroclyta da Magdalena, e enfim sentar parar, de uma soffrada magistrat, os dois passeantes inglezes que nos trouxeram quasi de um folego até ao Bois-de-Bologne. — Ah! estou em Tartoni... que delicia um sorvete com este calor! — É segura, é dos prazeres maiores d'este mundo, sente-se a gente viver; é meia hora de existencia que vale dez annos de ser rei em qualquer outra parte do mundo».

«Pois acreditei-me leitor amigo, que sei alguma coisa dos sabores e dissabores d'este mundo, fi-se na minha palavra, que é de homem experimentado: o prazer de chegar por aquelle modo a dortoni, o apsar da elegante caleche balanceada nas mais suaves mollas que fabricasse arte ingleza do puro aço da Suecia, não alcança, não se compara ao prazer e consolação de alma e corpo que eu senti ao apsar-me da minha choiteira muia á porta do grande café do Cartaxo».

«Fazem idéa do que é o café do Cartaxo? Não fazem. Se não viajam, se não sabe n, se não veem mundo esta gente de Lisboa! E passam a vida entre o Chiado, a Rua do Ouro e o theatro de S. Carlos, como hão-de alargar a esphera de seus conhecimentos, desenvolver o espirito, chegar á altura do seculo?»

«Conservas de alicae, e ide jogar o bilhar, ou fazer sonetos á dama nova, idéa, que não presal para mais nada, meus queridos Lisboetas, ou discuta os deslavados heroes de algum melodrama velho que fugiu assomado da Porte-Saint-Martin e veio escondido-se na Rua dos Condes. Também podeis ir aos toiros — estão imbolados, não há perigo...»

«Viajar?... qual viajar?... até á Cova da Piedade, quando muito, em dia que lá haja cavalidade, pois ficares alicae para sempre, cuilinhos. Pois ficares alicae d'este mundo sio dando que todas as praças d'esto mundo sio como a do Terreiro do Paço, todas as ruas como a rua Augusta, todos os cafés como o do Mar-ras...»

«Pois não sio, não, e o do Cartaxo menos que nem-ua».

«O café é uma das feições mais caracteristicas de uma terra. O viajante experimentado e cas do qual chega a qualquer parte, entra no café, observa-o, examina-o, estuda-o, e tem conhecido o paiz em que está, o seu governo, as suas leis, os seus costumes, a sua religião».

«Levem-me de olhos tapados onde quizerem. Não me desvendem senão no café; e protesto-lhe que em menos de dez minu os lhez digo a terra em que estou se for paiz sublanar».

«Nós entramos no café do Cartaxo, o grande café do Cartaxo; e nunca se increta turco em talvan de seda do mais esplendido café de Consolidação, com tanto pódo de alma e satisfação de corpo, como nós sentimos nas duras e apsaradas tabas das esgrias banquetas mal serpantinas que ornam o magnifico estabelecimento bardalengo».

«Em poncas linhas se descreve a sua simplicidade classica; ser um parallelogrammo pouco maior que a minha alcova; á esquerda duas mezinhas de pinho, á direita o mostrador envidraçado das de campainha as guardadas de licores de amendoim, de canella, de cravo. Pendem do tecto, laboriosamente arrendados por não vulgar thesoura, os pingentes de papel, convidando a lascivo repouso a inquietar raze de moscas. Reina uma frescura admiravel n'aquelle recinto».

«Sentámos-nos, respirámos largo, e entramos em conversa com o dono da casa, homem de trinta a quaranta annos, de phisonomia esparta e sympathica, e sem nada de repugnante villão ruin que é tão usual de encontrar por semelhantes logares da nossa terra».

«Então que novidades há por cá pelo Cartaxo, patrão?»

«Novidades! Por aqui não temos senão o que vem de Lisboa — Ahi está a Revolução de hontem...»

«Eu amo a charneca». Romantico, Deus me livre de o ser — ao menos, o que na algaravia de hoje se entende por essa palavra».

«Ora a charneca d'entre Cartaxo e Santarem, aquella hora que a passámos, começava a ter esse tom, e achar-lhe eu esse encanto indifinivel».

«Sentia-me disposto a fazer versos... a que... não seis».

«Felizmente que não estava só, e escapei de mais essa cataturna».

«Mas foi como se os fizesse, os versos, como se se estivesse fazendo porque me dei calhar n'um verdadeiro estado poetico de distracção de mudez — cessou-me a vida toda de relação, e não me sentia existir senão por dentro».

«De repente acordou-me do lethargo uma voz que bradou: — Foi aqui!... aqui é que foi não ha duvida».

«Foi aqui o quê?»

«A ultima revista do imperador».

«A ultima revista!... Como assim a ultima revista!... Quando?... Pois?...»

«Então cahí completamente em mim, e recordo-me, com amargura e desconsoação, dos tremendos sacrificios a que foi condemnada esta geração, Deus sabe para quê — Deus sabe se para expiar as faltas de nossos passados, se para comprar a felicidade de nossos vindouros...»

«O certo é que alli com effeito passou o imperador D. Pedro a sua ultima revista ao exercito liberal dias depois da batalha d'Almouster, uma das mais litadas e das mais ensanguentadas d'aquella triste guerra».

«Toda a guerra civil é triste...»

«É difficil dizer para quem mais triste, se para o vencedor ou para o vencido...»

«Bonham de parte que não sio individuos, e examinem de boafé, verdo que, na totalidade de cada fracção e n que a nação se dividiu, os ganhos, se os houve para quem venceu, não balanceam os padecimentos, os sacrificios do passado, e menos que tudo, a responsabilidade pelo futuro...»

«Eu não sou philosopho. Aos olhos do philosopho, a guerra civil e a guerra estrangeira, tudo sio guerras que elle condemna — e não mais uma que a outra... a não ser Hobbes o dito philosopho, o que é coisa muito differente...»

«Mas não sou philosopho, eu; entrei no campo de Waterloo senti-me ao pé do Leão de bronze sobre aquelle monte de terra amassado com o sangue de tantos mil, vi — e eram passados vinte annos — vi luzir ainda pala campina os ossos brancos das victimas que alli se immolaram a não sei quê... Os povos disseram que á liberdade, os reis que á realzaa... nenhuma d'ellas ganhou muito, nem por muito tempo com a tal victoria...»

«Mas deixemos isto. Estive alli e senti bater-me o coração com essas recordações, com essas memorias dos grandes feitos e genitezias que alli se obraram».

«Porque será que aqui não sinto senão tristezas...»

«Porque luctas fratricidas não podem inspirar outro sentimento e porque...»

«Eu moa comigo só estas amargas reflexões, e toda a belleza da charneca desaparecia deante de mim».

«Nesta desagradavel disposição de animo chegámos á ponte d'Assenc».

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

## PENSAIMENTOS

Viver é amar; odiar é morrer.

O louco tem o coração na lingua; o sábio a lingua no coração.

A colera principia pela loucura e acaba pelo arrependimento.

A poesia tem dois ouvidos: um attento á vida e outro attento á morte.

A's vezes o sorriso aterra porque parece occultar uma mal comprimida colera.

O interesse. — É um habil comediante que sabe desempenhar todos os papeis, até mesmo o de... desinteressado.

No Paraiso terrestre.

Adão — Agora, minha querida, a sua vez, beibe-me.

Eva — Oh! não ouso!...

Adão (carinhoso).

Silencio.

Eva — Juro-lhe que é o primeiro homem com quem me succede isto.



## PHOTOGRAPHIA AMERICANA

Esta photographia é a do atelier mais apromorado de todo o sul do Brasil. Para os leitores d'esta Revista, a reputação artistica de que ella goza está plenamente confirmada pelos esplendidos grupos que n'este numero inserimos das varias festas offercidas no Rio de Janeiro no embaixador de Portugal, e ás officialidades dos cruzadores portuguez D. Carlos e italiano Etrahantes photographias enviadas do Rio e tiradas expressamente pelos proprietarios da Photographia Americana, os srs. J. Mendes & C. para o Brasil-Portugal. Estes photographs distinctissimos devem considerar-se bem recompensados do seu trabalho incansavel, pelo exito extraordinario que as suas photographias têm tido em todo o Brasil, onde a clientella mais distincta e mais numerosa lhe pertence par droit de conquête.

Uma mãe, que vai sahir, ao seu filho: — Que queres tu que te traga da rua? Bolos ou bonecos? — Um grande boneco... de assucar!

## BIBLIOGRAPHIA

L'exposition par l'image. — S. Schwarz, éditeur, — 9, Rue Sainte-Anne, Paris — 1900.

Temos presente este livro sobre a exposição, o qual serve de magnifico guia para todas as pessoas que se destinem ao grande certamen internacional.

É um voluminhosmo muito portatil e apropriado ao fim, contendo um grande numero de gravuras intercaladas no texto, onde se encontra toda a sorte de esclarecimentos uteis e indispensaveis a quem viaje com destino á grande capital franceza.

Merece a pena comprar-o a modica quantia de 60 centimos está á altura de todos as bolsas e por tão insignificante preço ser difficil encontrar um tão vasto repositório de elucidificacões practicas sobre a vida e habitos parisienses.

Notas de um reporter. — por Ernesto Senna; typographia do Jornal do Commercio, — Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro, 1895.

Os apontamentos colligidos n'esta brochura, que o sr. Ernesto Senna acaba de nos enviar, informam-nos do metucioso cuidado com que são feitos os trabalhos de informação e reportagem no Rio de Janeiro.

As Notas de um reporter inserem curiosas observações, não só dignas de serem lidas, mas tambem apreciadas, visto que dão muitos traços da vida jornalistica d'aquelle paiz e do modo como são feitos os jornaes.

Estas observações tiradas, sem duvida, como photographias instantaneas, como convém á indole dos escriptos para jornaes, são mais do que uma simples resenha vulgar de um reporter encarregado de as suggerir ao espirito dos seus leitores, são, a um tempo, notas criticas de observação pessoal e apontamentos lucidos que servem de subsidio para se fazer a historia jornalistica de um paiz.



**Revista Marítima Brasileira.** — XIX anno, n.º 11. Recebemos o n.º 11 d'esta esplendida revista brasileira.

Occupa-se este numero, em especial, com o 4.º centenario do descobrimento do Brasil. Insete no texto, além do retrato de Pedro Alvares Cabral, varios desenhos de caravelas portuguezas, que sulcaram os mares da America no começo do seculo XVI.

O artigo concernente ao descobrimento do Brasil é firmado pelo nome do Sr. Vidal de Oliveira. E', portanto, mais um documento para juntar aos numerosos escriptos feitos com intenção historica e para servir de commemoracao ao grande acontecimento maritimo do reinado de D. Manuel.

**Ville de Lisbonne.** — *Mémoire descriptive du Projet des égouts en execution à Lisbonne.* — Companhia Typographica, Rua do Ferregal de Baixo, — 1900.

Acabamos receber duas memorias: uma sobre os egotos projectados na capital e a outra sobre o *pare de la liberté*.

Estes dois escriptos são de grande utilidade para a hygiene, belleza e engrandecimento de Lisboa. D'aqui o interesse e o valor d'estes documentos technicos, que se recommendam, com especialidade, aos entendidos.

Os projectos são assignados por um grupo de engenheiros portuguezes.

**Annes do Club militar naval:** tomo XXX, n.º 3 de 1899.

Recebemos este folheto relativo á vida associativa d'esta agremiação.

Contém, entre varios artigos de interesse e nautico, alguns artigos scientificos de generalidades maritimas.

**Elogio historico do professor Manuel Bento de Sousa.** — por José Curry da Camara Cabral; Typ. do *Diá*, Lisboa, 1899.

O conselho da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, encomendando no lante da 5.ª cadeira um estudo sobre o illustre sabio e fallecido escriptor, Manuel Bento de Sousa.

O dr. Curry Cabral desempenhou-se da honrosa missão escrevendo uma monographia que é, a par de um documento scientifico, uma obra litteraria de reconhecido apreço.

Acabamos de ler essas paginas sentidas, cheias de calor e de enthusiasmo. E' uma justa homenagem prestada á memoria do extincto medico e publicista.

Os nossos agradecimentos pelo exemplar offerecido.

**Baixella Barahona.** — *um problema d'Arte.* — Leitão & Irmão, — Lisboa, — 1900.

Os conceituados joalheiros Leitão & Irmão imprimiram em elegantissima edição, capa de pergaminho e em assinado papel, umas palavras acerca da baixella, obra notavel a que toda a imprensa se tem referido com geral applauso.

N'esta brochura contam-se as preoccupações e cuidados artisticos que presidiram á realisacão da notavel obra de ourivesaria, assim como são apontados os principaes trabalhos congeneres que se tem realisado, dignos de menção especial.

Os artifices, que tomaram o encargo de materialisar tão delicada como magnifica concepção artistica, são credores das mais sinceras felicitações.

Os esforços, que lhes deve ter accordado este alto pensamento, são difficéis de apreciar por espiritos alheios a problemas d'esta natureza.

Por isso nos congratulamos por notificar o nosso enthusiasmo para com esses obreiros, dando apenas, no curto espaço d'esta simples noticia, a admiracão de que nos achamos possuidores, deixando, a quem tenha por dever fazer-lhe proferencia, no arrojio d'esse importantissimo trabalho, a tradução critica que tal problema d'Arte requer.

**O Holocausto.** — por Pedro Americo de Figueiredo, — Florença, Typ.ª Genainianina.

O livro, de que nos occupamos, singela e commovida historia de um desgraçado, de um vencido e de um atropellado pelo infortunio, é escripto para commover almas sinceras, boas e honestas.

Tem a virtude de combater males que victimam creaturas, desherdadas e infelizes e, se não fôr este o seu maior merito, teria ainda a recommendação o forma porque está tratado.

Mas não é este o principal encanto d'O Ho-

locausto, que é uma dramatisação viva e scintillante de uma lacrimosa existencia, de uma alma que deve, principalmente as suas desgraças, os seus erros e as suas culpas, á fatalidade do meio em que se encontra.

Americo de Figueiredo conhece particularmente o maio e o segredo de commover e de interessar o espirito de quem o lê.

E, conquanto a forma romantica do seu livro se harmonise hoje com muitas das exigencias da boa arte, seguimos com interesse e eufabulação que tem em volta do protagonista, e achamos-lhe encantos apreciaveis.

**O Holocausto** é a affirmacão de um espirito muito lucido, que particularmente se recommenda á nossa sympathia pelo interesse que lhe merecem os desgraçados.

**Encyclopedya Portugueza illustrada.** — *Diccionario universal*, em 5 volumes. Recebemos os fasciculos 53 e 54 d'esta obra de lexicologica.

A collaboração está confiada a nomes muito autorisados, o que é uma sufficiente garantia do seu valor e da sua utilidade.

**A Industria Portugueza,** revista semanal; — anno II, n.º 45 — 1900.

Contém variados artigos, cujos assumptos se relacionam com a indole propria da revista que é excellentemente redigida.

**Revista Contemporanea** — anno I, n.º VII; — Rio de Janeiro, — Brasil.

E' uma publicação que tem exclusivo caracter litterario, onde transparece a feição artistica do grupo de espiritos que a confectionam, na sua maior parte, poetas e prosadores brasileiros.

**Centenario Brasileiro:** 4.º centenario da descoberta do Brasil; Paris: — numero unico, — propriedade de Couto Mattos & Comp.ª

Recebemos o numero unico d'este jornal, commemorativo do 4.º centenario do descobrimento do Brasil.

A primeira pagina reproduz uma galeria de retratos de homens distinctos do Pará, á qual conjuntamente com uma figura allegorica, constitue uma verdadeira *entousage* em volta da effigie de Pedro Alvares Cabral.

Entre os artigos da collaboração, figura uma carta do illustre publicista e homem do letters, dr. Thophilio Braga.

**O eclipse do sol** — de 1900, maio, 28. — Real observatorio astronomico de Lisboa (Tapada). — Imprensa Nacional, 1900, Lisboa. Foi-nos enviado este trabalho de preoccupação scientifica, que se destina a propagar theorisacões sobre o eclipse do sol que n'este anno se pode observar em Vizeu, onde o phenomeno foi observado por um grande numero de curiosos e de sabios estrangeiros.

A circumstancia do eclipse poder ser visto na sua totalidade na Beira, e tendo convergido áquelle ponto de observação tanto astronomo, dá a este trabalho uma importancia especial, o qual, como no prefacio se explica, tem o intuito de se approximarem de todos os individuos menos entendidos, fazendo-os conhecer o valor do phenomeno astral, cuja vulgarisacão, feita tão popularmente, constitue o seu maior merito.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

Demosthenes, interrogado sobre os requisitos que desejava para a mulher com que houvesse de casar, dizia:

Que fosse nobre, para que me honrasse.

Moça, para que me servisse.

Formosa para que me agradasse.

Castá, para que me não enganasse.

Outro dispensava a mocidade e a nobreza, a sua exigia-lhe cinco *PP*: *pa, prudens, pulchra, pudica, potens*.

Antonio José d'Avila, depois Duque d'Avila e Iolanda, tivera em certo tempo da sua carreira politica a paixão inoffensiva dos titulos e das condecorações. Possuía-as em extraordinario numero, e uma vez que appareceu constellado d'ellas, e alzugem-lhe fizera notar que já lhe não cabia mais nenhuma no peito e que de futuro teria de pendural-as ás costas; respondeu, como que a provar que as traz contadas, as d'elle e as dos outros.

— O Conde de Castro tem ainda mais uma do que eu.

Num jantar de cerimonia.

*A dona da casa* (amavelmente para um dos convivas) — Não acha que faz muito calor n'esta casa de jantar? — Immenso, minha senhora, e já estou arrependido de ter calçado hoje meias de lã.

## HORAS DE OCIO

### Charadas em verso

As primeiras, por si só, não são julgo com valor; mas postas duas letras e um bicho, são senhores.

As contrarias das primeiras, duas letras antepe: fica obra delicada, que certo artista compõe.

Isto agora é coisa rica, que vos desicereis esferrar; tão bonita, tão miúda, não a vés a cenzelar?

A. C. F.

Certa dama d'este nome — P'lo amante a esquecer — Nunca mais fez ao cabelo A que o todo quer atar.

Tal foi a bella Semiramis, — Sendo na critica mordaz, — Que seu filho do abandono — Por certo não duravara.

Valor teve, foi seu nome, — Governou muitas gente.

### Charadas novissimas

D. P. S. L. M. F. E.

Esta actriz na guerra é cantora — 1. Sendo na critica mordaz, — Que seu filho do abandono — Por certo não duravara.

O onco acaba a faga dos rios e das suas aguas faz frente a esta ave — 1, 1.

Esta mulher por ser preversa habita os infernos — 2, 1. E' bonita aquella senhora com uma plasta — 2, 2.

Ora andei! Quem sabe não tem medo — 1, 2.

### Logogripo

(POR SYLLABAS)

E' alegre no verão  
A fôrca e prima unida;  
E' molesta, sim, a moça,  
A segunda repetida.

Tens annual fufetista,  
Ser tercia e quarta jointa,  
P'ra terces segunda e prima  
Has de a cabeça levantar.

Aqui me apresento  
Mal bem repetido!  
Eu sou, — o que tu és  
Sem mais arrastado.

Segunda e prima é formosa  
e nacional petisqueira,  
sem precisar que nos digam  
repet 3.º-3.º a terceira.

A primeira repetida  
é do Hespanha natural,  
Tercia e quarta no navio,  
e o todo... em Portugal!

Por que tem grande consumo,  
do subido deputado,  
ou jostinha calouro...  
Mas é bem certo o dictado:  
«Nem tudo o que luz é ouro.»

### Enigmas

Ajustando a certa syllaba uma vogal, o seguinte Anteposto he A — E' do Asia uma regio? Anteposto he E — Nome d'uma mulher formosa. Anteposta he E — E' herba medicinal. Anteposto he O — No' seixos muito usual. Anteposto he U — E' fruta delicia. Que se estea nome?

M. P.

## A T E C R U L

### Decifrações do n.º 24 do BRASIL-PORTUGAL

Das charadas novissimas: — *Francisca, Manchoer, R. Bentá-bol, Dilton, Perisso, Corredouro, Lancarin.* — *Anteposta he Serya, Astarica.* Do sabio esgreste.

Quando tu choras, meu amor, teu rosto brilha formoso com mais doce encanto, as leves sombras d'inflans desgosto tornam mais bello o crystalllo trazo.

E. A. de M. L.



# O CARTAZ DA QUINZENA



**D. Amélia.** — A *troupe* organizada pela actriz Maria Pia de Almeida que representou a comedia de *Donnay*, *Les amants*, traduzida pelo sr. Antonio Bandeira, e que fez reprise de *Papa Leonard*, a ultima creação de Joaquim d'Almeida, que é uma das principaes figuras artisticas d'essa *troupe*, bateu azas e foi para Vizeu. De lá seguirá em excursão a varias cidades e villas, a passar o estio. Neste intervalo, uma outra *troupe*, formada pelo actor Pedro Cabral, e tendo como estrella a actriz Mercedes Blasco, ensaia *La belle au bois dormant*, traduzida pelo

sr. Eduardo Fernandes e Accacio da Paiva. Esta peça, que em Paris teve um exito colossal, vai apparecer em scena com o maior esmero: Guarda-roupa luxuoso, e *mise-en-scène* rica.

Daremos gravuras das principaes scenas.

**Rua dos Condes.** — Inaugurou a sua epocha de verão com uma companhia composta de alguns artistas distinctos, ora em disponibilidade n'estes mezes de verão. Dirige-a o grande actor comico José Antonio do Valle. A peça de aber-

tura entrou n'aquelle palco com o pé direito. E' uma magica admiravel de effeitos scenicos, escripta com a melhor graça de Eduardo Schwalbák, que faz sempre achados nas peças que escreve.

**Colysen dos Recreios.** — Todas as noites o publico de S. Carlos e o publico que não vae a S. Carlos, quer dizer o publico que vae ao theatro para se mostrar e o publico que vae para ver e ouvir enche o *Colysen*. E tem tido que ouvir. Depois da *Comedia Rusticana*, as operas que se lhe seguiram tem tido exito igual, desde o *Baile de Mascaras* até a *Bohemia*. Verdi e Puccini estão triumphantes na rua das Portas de Santo António. Nunca elles o julgaram por certo.

**Theatro da Trindade.** — Está fechado. Entretanto vae pintando a frontaria, o que é indispensavel a quem quer parecer bem. A empresa que o vae explorar dentro em pouco, formada pelos sr. Domingos da Gouvea e José Ricardo conta inaugurar muito breve os seus espectaculos com a peça em 4 actos e 16 quadros de Julio Verne e Emery *A volta do mundo em 80 dias*, traduzida pelo sr. Eduardo Garrido, com scenario todo novo de quatro scenographos Machado, Ascensão, Eduardo Reis e Soardi: Damos abaixo o titulo dos quadros e a distribuição da peça.

1.º ACTO

Prologo — O Club dos excentricos.  
2.º No Canal de Suez.  
3.º A viação do Rajah.  
4.º A necropole de Remeldkund.

2.º ACTO

5.º As duas irmãs.  
6.º A gruta das serpentes.  
7.º O templo malao.

3.º ACTO

8.º Na California.

9.º O ataque dos indios ao comboio.  
10.º A escada dos gigantes.

4.º ACTO

11.º O Capitão Cromarty.  
12.º A explosão do vapor.  
13.º Os naufragos de Liverpool.  
14.º O Ladrão do Banco.  
15.º A aposta ganha.  
16.º Hurrah!

<i>Phallex</i> Fo gr.....	Queiroz
<i>Passape tout</i> .....	José Ricardo
<i>A chibido Gorsican</i> .....	Francisco Costa
<i>Fix</i> , agente da policia inglesa	Firmino
<i>Heulha</i> , chefe indio.....	Soares
<i>Cromarty</i> , capitão mercante.	Joaquim Ferreira
<i>Um magistrato in det</i> .....	Go nes
<i>Fiana gin</i> .....	Gomes
<i>Suzal</i> .....	Soares
<i>Oulvan</i> .....	Christ.º Telmo
<i>O Paris</i> .....	F. Fernandes
<i>Mastapha</i> .....	José Silva
<i>Um sarjento</i> .....	Silva
<i>Jonath</i> .....	Fernandes
<i>Dinah</i> .....	Rosa Paes
<i>Nemec</i> .....	Isabel Marques
<i>Nakahirá</i> .....	Isaura
<i>Betty</i> .....	Maria Pinto
<i>Mirka</i> .....	Cremlida

Socios do club dos excentricos, Fellahs, fakirs, sacerdotes, malaios, indios soldados do Rajah, musicos, trombeteiros, fanaticos, bailadeiras, sacerdotizas, brahmanes marujos, operarios, vendilhões, viajantes, passageiros do caminho de ferro do Pacifico, soldados americanos, tripulação do steamer *Henriette*, policemem, etc.



## ANTONIO DO COUTO

ALFAIATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa e Provincias do Continente

Sempre as ultimas novidades

RUA DO ALECRIM 44.º

LISBOA

Este magnifico hotel, situado no melhor logar das Caldas do Gerez, e construido de proposito para o fim a que se dedica, possui além das magnificas commodidades e bom serviço, um excellento parque com jardim, bosques com arvores de boas sombras cascatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grande salão recreativo, offerecendo assim aos seus hospedes uma distracção como não tem nenhum outro hotel no paiz.

Qualquer correspondencia pôde ser dirigida á sua proprietaria e directora.

NO GEREZ

Maria N. M. Salgado

EM LISBOA

Casa dos Oito Globos

RUA AUGUSTA 202







As mais lthinadas de Portugal

Uso interno — Estomago, gota, reumatismo articular, diabetes.  
Uso externo — Rheumatismo, gota, sciatica, DOENÇAS UTERINAS, etc.

**HOTEIS E CASINO**

Instalações as mais confortaveis e completas de Portugal

ESTABELECIEMTO ABRE EM 15 DE MAIO E FECHA EM 15 DE OUTUBRO

Correspondencia:

GERENTE — CUCOS  
TORRES VEDRAS



**Bilhares de precisão**

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA

**MONARCH**

Pannos, Tacos, Bolas e todos os accessorios

Jogos diversos de novidade — Cartas, Tentes e Fixas para todos os jogos

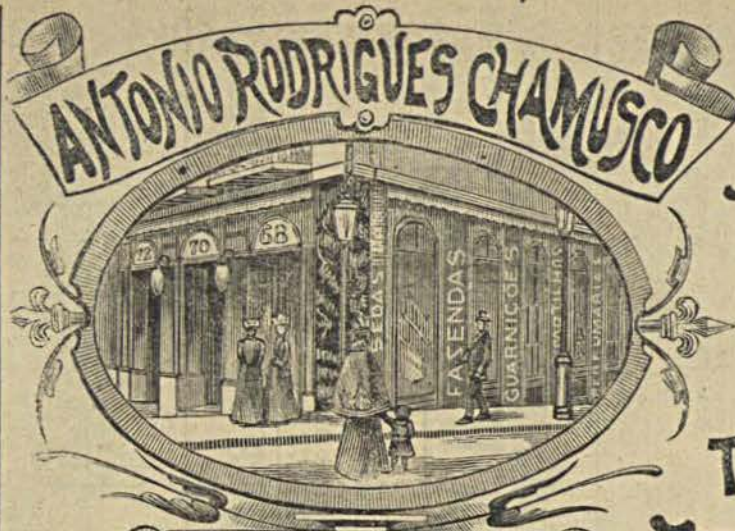
Viuva de José Alexandre de Senna

29 — Rua Nova de Almada — 29

CASA FUNDADA EM 1854

LISBOA

Peçam o catalogo illustrado



GRANDE SORTIMENTO DE SOMBRINHAS, LEQUES, PERFUMARIAS, MANTILHAS, SAIAS DE SEDA, CHAPEOS MODELOS FLORES MEIAS, CACHE-CORDES E TODOS OS ARTIGOS DE SUA CLASSE

**MODAS E CONFECÇÕES**  
ATELIER de Modista e de Alfaiate  
ESPECIALIDADE em **GENRE TAILLEUR**

*Maison* **Howell**  
ESTA CASA É UMA DAS QUE MAIS NOVIDADES RECEBE E MELHOR SORTIDO APRESENTA  
RUA DO CARMO 68, a 72  
quina das Escadinhas de S.ª Justa  
**Lisboa**

ÚLTIMAS NOVIDADES em **Lãs Sedas** Confecções GUARNIÇÕES VELLUDOS ESPECIALIDADE em **Espartilhos FRANCEZES**





PROVAE os DELICIOSOS  
VINHOS DO PORTO

DE  
Constantino d'Almeida

Dr. Oscar Leal. — Especialista em doenças da bocca, collocação de dentes e correção das deformidades nasas. Consultorio de 1.ª ordem à

RUA DO CARMO, 35, 1.º  
| (CHIADO)

"O PANHOLA,"

J. A. CRUZ & IRMÃO

Especialidade em generos all. menticos.

RUA ITAMARACÁ

Manãos



FABRICA: Rua de S. Christovão N.º 129

DEPOSITO e ESCRITORIO: Rua da Constituição, N.º 3  
TELEPHONE N.º 185

N'ESTA grande e acreditada fabrica encontra-se uma colleção a mais completa e variada de moveis solidos e elegantemente construidos, das mais bellas e preciosas madeiras do paiz.

A fabrica, que sem contestação é uma das primeiras do nosso paiz, n'este genero encarrega-se da factura de mobilias completas, moveis avulsos ou quaesquer outros

trabalhos da sua especialidade, sob desenhos e medidas, com a maior perfeição, elegancia e solidez; encarregando-se tambem de remetter para os Estados as encomendas acondicionadas com todas as cautellas.

A fabrica, bem como os seus depositos, são francos ao publico a quem convidamos a visitar para julgar com acerto dos progressos que a mesma tem alcançado na industria de merceneria; ficando d'este modo os srs. consumidores, pelo aperfeioamento que os artefactos revelam, habilitados a julgar com segurança o que melhor lhes convenha antes de se munirem de moveis de outra procedencia.

## Companhia PHENIX PERNAMBUCANA

(Seguros maritimos e terrestres)

ESTABELECIDA EM 1870

DIRECTORIA

Luz Duprat, José Joaquim Dias Fernandes, Dr. Manuel Gomes de Mattos

Séde: RECIFE Rua do Commercio 46—PERNAMBUCO



LA UNION Y EL PHENIX ESPAÑOL

Capital social 2.400.000.000 rs.

15.600.000.000 réis

De dividendos pagos desde 1864 até 1905

PREMIOS E RESERVAS 2.900.000.000

Seguros contra incendio, exploração de gas  
ou raios

Equateur Atlantique & Union Maritime

Companhias francezas contra os riscos maritimos e raios de transporte de qualquer natureza.

DIRECCOES — Lima Meyer & Filhos

LISBOA — Rua da Prata, 22, 2.ª





**BANCO**  
DA

**PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL**



Fundado em 1858 em Porto Alegre, Capital do E. do Rio Grande do Sul

**CAPITAL SUBSCRIPTO 5.000.000\$000**

Capital realiado, ..... 2.600.000\$000  
Fundo de reserva, em 30 de Junho 1899: 4.100.000\$000  
Lucros suspensos e especimes, idem, .... 1.200.000\$000

Faz todas as operações bancarias, inclusive cambios, em sua sede e nas suas filiaes estabelecidas nas praças do Rio Grande e Pelotas, com os seus correspondentes em todas as praças da Confederação dos Estados Unidos do Brasil, do Prata e com os Paizes d'Europa e America.

**Directores**

A. R. Tavares, Manoel Carvalho da Costa, João Custoso Pinto



**Fabrica**  
**Amazonia**

Casa Importadora

**PARÁ**

R. 13 de Maio, 49

**Ferreira Pinto & C.<sup>a</sup>**

GRANDE DEPOSITO

De cachaça, alcool, cognacs, refrigerantes, cidra, genbra, vinhos de cajú, genipapo, e hesperidina nacionaes.

**Vinhos**

De todas as procedencias—qualidades garantidas. Colares especial—importação directa.

**Estabelecimento**

De confiança—Preços sem competencia.

Caixa postal N.º 349

Ender. teleg. FERPIN

**A CONFIANÇA**

Companhia de Seguros, maritimos e terrestres

**Capital 1.000:000\$000**

**DIRECTORIA**

José Marques Braga—João Fernandes Costeira  
José Joaquim Lopes de Sousa

**RUA 15 DE NOVENBRO**

**PARÁ**



## HOTEL ALLIANÇA

FUNDADO EM 1843



PROPRIETARIOS

Gotuzzo &amp; Agrifoglio

Rua 15 de Novembro—218

PELOTAS—Estado do Rio Grande do Sul

Brasil

## Manteiga Burnay

Aviso aos entendedores e ás donas de casas

Para fazer Boa Cozinha

Éprec Iso  
boa manteiga pura

USE

A Manteiga Burnay

A venda  
em todas as princi-  
pales mercarias  
de Lisboa

AGENTE GERAL

JOÃO BASTOS JUNIOR

235, Rua dos Fanqueiros—LISBOA

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS

João Luiz Fernandes & C.\*—R. da Prata, 282 a 288, Lisboa.  
 Jeronymo Martins & F.\*—R. Garrett, 13 e 15, Lisboa.  
 José Afonso Vianna & C.\*—Largo Camões, 33 e 34, Lisboa.  
 R. D. de Campos—R. da Prata, 187 a 191, Lisboa.  
 Alves Diniz, Irmãos & C.\*—R. S. Julio, 92 a 106, Lisboa.  
 Seb. Corrêa Saraiva Lima—R. de S. Paulo, 121 e 123, Lisboa.

GRANDE HOTEL METROPOLE

O maior da Capital, construido de accordo com o plano do plano, e situado  
 nas faldas do Corcovado.  
 Possui todas as condições hygienicas e as mais confortaveis salas  
 e apartamentos para familias e cavalheiros

Gerente  
 CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

181, Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO

Pernambuco Powder Factory

FABRICA DE POLVORA

ESCRITORIO

Rua do Commercio, 6

(HEMANN-ZIMMERS)

PERNAMBUCO

HOTEL DURAND

English Hotel—Lisboa

7, Rua das Flores—Largo do Quintella  
 Este hotel, situado no parte mais central da  
 cidade, oferece todas as condições de uma ca-  
 mada de primeira ordem.

## BRASIL-PORTUGAL

Numero commemorativo do 4.º centenario  
do Brasil

A venda na redacção do "BRASIL-PORTUGAL"

Rua Ivens, 52

## RESTAURANTE AMERICANO

P. C. DE VASCONCELLOS

J. DE S. MATHEUS, 24—PARA

Serviço de primeira ordem. Accommodações luxuosas para viajantes.  
 Acousto extremo. Illuminação electrica.

TODOS OS CONFORTOS





# Torre Malakoff

LA ROQUE & C.

RUA DO CONS.º JOÃO ALFREDO, 86

**PARÁ**

Especialidade em artigos para

viagem, moveis e miudezas

## Banco de Belem do Pará

RUA 15 DE NOVEMBRO

### DIRECTORIA

José Marques Braga — José Taveira Lobato — Joaquim Samuel Gomes de Freitas —  
José Augusto Corrêa — José Leite Chermont

CAPITAL 3.000:000\$000 RÉIS

Este Banco sacca e emite cartas de credito sobre todas as cidades e villas de Portugal, Hespanha e Italia, sobre Paris, Londres e New-York, e bem assim sobre o Rio de Janeiro, Ceará e Maranhão.





# Garantia da Amazonia

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

DIRECTORIA

João Gualberto da Costa e Cunha

PRESIDENTE

M. S. Cruz Junior, secretario

Dr. Firmo Braga, medico

Dez.º Ernesto A. V. Chaves, advogado

consultor

João Ventura Ferreira, thesoureiro interino

Joaquim Antonio de Amorim, gerente

José Simão da Costa, actuante

PARÁ, BRASIL

## ESTADO FINANCEIRO EM 1.º DE JANEIRO DE 1899

Seguros propostos .....	Rs. 45.812.000\$000
Seguros em vigor .....	» 37.402.000\$000
Renda .....	» 3.079.985\$718
Reservas de resseguro .....	» 1.275.176\$349
Sinistros pagos .....	» 319.539\$870
Sobras .....	» 245.511\$969
Apólices emitidas .....	» 2\$149

Esta poderosa Sociedade em seu primeiro periodo social, recebeu maior numero de propostas, effectou maior somma de negocios, emittiu maior quantidade de apólices, realiso maior receita, separou maior reserva, levou a conta de seus seguros maior verba de sobras, ao passo que, relativamente, dispendeu menos com a sua administração, e teve menos sinistros do que qualquer companhia congere do mundo, no mesmo espaço de tempo, em relação aos negocios realizados.

**A GARANTIA DA AMAZONIA é hoje a primeira companhia de seguros de vida da America do Sul**

## ASSOCIAÇÃO

DOS

## EMPREGADOS NO COMMERCIO

DO

## RIO DE JANEIRO

(Exclusiva para o pessoal do commercio)

FUNDADA EM 1890

Sódo provisoria: Rua do Rosario, n.º 97

Sódo em construção: Rua de Gonçalves Dias, n.º 48

Capital social 900.000\$000

Esta associação, 1.ª no seu genero na America do Sul, conta actualmente um effectivo de 12:000 socios, todos do commercio — NEGOCIANTES, CAIXEIROS, GUARDA-LIVROS, AJUDANTES, ETC.

E' unica pelos numerosos auxilios que distribue mediante a modica mensalidade de 2\$000 réis paga em trimestres.

O edificio, em construção á Rua Gonçalves Dias está concluido em 1900 e será um dos mais lindos do Rio de Janeiro, construido especialmente para o fim a que se destina, não terá egual na vasta Republica Brasileira, constituindo pois, uma gloria para a CLASSE COMMERCIAL.

A Administração compõe-se de negociantes, industriaes, caixeiros, guarda-livros e ajudantes, todos muito conhecidos no centro commercial

Convida-se todo o pessoal do commercio do Rio de Janeiro a filiar-se n'esta poderosa Associação. Na Secretaria fornecem-se todos os esclarecimentos precisos, quer sobre a admissão, quer sobre as multiplas vantagens garantidas.

SALÕES  
E QUARTOS MOBILADOS  
PARA FAMILIAS



BANHOS  
Quentes e Frios



Este estabelecimento de primeira ordem, situado no centro de todos os passeios e linhas de bonds, recommenda-se pela exactidão do seu serviço, acoio, modicidade em preços e cozinha franceza.



**HOTEL**  
SUL-AMERICANO

BAHIA-BRASIL

PROPRIETARIO

Antonio T. Alves



## New Zealand Store

Casa especial de viveres, molhados finos e mais generos concernentes a este ramo de negocio

**Importação directa**

Recebem generos pelos vapores frigorificos,  
de Southampton e Rio da Prata

**COELHO, DIAS & C.ª**

RUA DO OUIDOR, 37

RIO DE JANEIRO



GRANDE DEPOSITO  
de livros em branco,  
objectos de escritorio,  
artigos  
para presentes,  
quinquilhanas,  
etc., etc.

LIVRARIA	YAVARI CARBOSO & C. <sup>a</sup>	PAPELARIA
TYPOGRAPHIA		ENCADERNAÇÃO

**LIVRARIA UNIVERSAL**

Casa fundada  
em 1868  
PARA-BRASIL  
AGENTE  
F. de Queirós  
& C.<sup>a</sup>  
Manãos

Rua do Cons. João Alfredo

Telephone—300

Caixa Postal—57

**NUNES & NUNES** Cambios e Papeis de Credito

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: DOISNUNES

95, RUA DO OURO, 97 — LISBOA

**LA BÉCARRE**

F. CARNEIRO & C.<sup>a</sup>

**PAPELARIA E TYPOGRAPHIA**

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences de escritorio. Objectos artisticos para brindes. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova do Almada, 47 e 49—LISBOA.

**DUARTE & C.<sup>a</sup>**

Representantes de Rocha Silva & C.<sup>a</sup>

DO

**PARÁ**

Rua Marechal Deodoro, 5—MANAOS

ARMAZEM DE ESTAMPAS MACHINAS E ESTRANGEIRAS — ESPECIALIDADES EM PAPELARIA E TITULARES — COMMISSOES E CONSULTAS

**ALBINO JOSÉ BAPTISTA** — LISBOA — O SR. de Rua Nova do Almada tem sempre grande sortimento de chapras para selo ou chaves, em todas as formas e tamanhos, assim como bordaduras, logos, perforantes e artigos de papel de todo o mundo. Para mais e primeira vez, tem presente um novo tipo e por novo desenho.

em Lisboa.



**AO PALAIS ROYAL**

**JOIAS**

GRANDE BAZAR

MACHINAS DE COSTURA

Variedade de pedras preciosas desde o brilhante de pura agua á mais modesta amethysta.

Phantasias em adreços e em obras de ouro

**A. PINTO DA CUNHA**

CAIXA POSTAL, 124

Rua Conselheiro João Alfredo, 91 — PARÁ

**Banco Norte do Brasil**

Endereço telegraphico "NORTUR ZIL" PARÁ — Telephone n.º 239

Capital realiado Réis 3.000.000\$000

Fundo de reserva Rs. 349.400\$500

Pará—R. 15 de Novembro, n.º 59

**CORRESPONDENTES**

NO PAIZ

Rio de Janeiro  
Bahia  
Pernambuco  
Ceará  
Maranhão  
Manãos

NO ESTRANGEIRO

Londres  
Paris  
Lisboa  
Porto  
Genova  
New-York

Emite cartas de credito, e sacca sobre as praças acima e tambem sacca sobre Hamburgo e tolas as cidades e villas importantes de Portugal, Hespanha e Italia.

Encarrega-se de cobrança de letras e remessa do producto, assim como faz todos os mais negocios bancarios.

**INTERNACIONAL**

Companhia portugueza de seguros

SÉDE EM LISBOA

100, Rua Aurea, l.<sup>a</sup>

Effectua seguros maritimos e contra o risco de fogo, gaz e raio.

Agencias nas principaes povoações do paiz.

**Directores**

Raphael de Mello Amaral.  
Visconde de Mangualde.  
Carlos Alfredo Romano.

**Loja Pacheco**

DE

**Deolindo Pimentel & C.<sup>a</sup>**

Sortimento completo em fazendas e artigos de novidade. Chapaus, calçado fino, perfumarias, roupas feitas para senhoras, homens e creanças.

Caixa postal N.º 264

Rua da Instalação, 24

Manãos



# AMAZONENSE

DIRECTORIA

Presidente — Coronel Antonio de Miranda Araujo

Secretario — Alfredo Bastos

Gerente — Alberto Moreira Junior

Medico-Chefe — Dr. Menezio Quadros

Banqueiro — Banco do Amazonas

## Companhia de Seguros

SOBRE A VIDA

Séde social: Rua Municipal, 68 — MANAOS

Telephone n.º 230 Caixa Postal n.º 66-A End. Teleg. AMAZONAS

Unica com séde no Estado do Amazonas  
Unica que paga sempre os seus sinistros  
imediatamente após a exhibição  
das provas legais

Unica sociedade em que os segurados  
participam dos lucros

Unica em que os habitantes do Amazonas e  
devem fazer seguros

Caixa Postal

290

# UNIÃO PARAENSE

Ender. teleg.

UNIÃO

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

Séde: Para — BRASIL — T. da Industria, 13

DIRECTORIA

Presidente — Bernardo Ferreira de Oliveira

Vice-presidente — José Marques Braga

Thesoureiro — Manuel Elpidio d'Andrade

Medico — Dr. Luciano Castro

Secretario — Constantino Quadros de Carvalho

GERENTE

FRANCISCO COUTINHO JUNIOR

ADVOGADO

DR. FILIPPE JOSÉ DE LIMA

## Companhia Geral de Credite Predial Portuguez

LISBOA — L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 % de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 % e commissão de 1/2 % de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 % á ordem e 3 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

## FABRICA DE MALHAS

A. C. DE MATTOS

A primeira do Amazonas.  
Vende modicamente todos os artigos para sapataria e carruagens.

Rua Installação, 18

Manaos

## Gepeda, S.ª Rosa & Dias

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

36 — Travessa de S. Matheus — 36

PARÁ

## Soares Irmão & C.ª

MATRIZ  
CASA HAVANEZA

Rua da Installação, 7

Vendas  
por grosso

Importação directa de todas as pracas

Caixa postal n.º 49

Ender. teleg. HAVANEZA

MANAOS

FILIAL

O Barbeiro Elegante

Rua Municipal, 25

Vendas  
a varejo

Permanente deposito de charutos, cigarros  
e fumos de todas as procedencias.

Piteiras, bolsas para fumo, e outros artigos  
para fumantes. Miudezas.

Completo sortido em artigos para homens  
e em objectos para viagem. Especialistas em  
roupa branca portugueza. Perfumarias.

Casa de liquidações

Rua Marechal Deodoro, 6-A

Manaos

PROPRIETARIO

Francisco Lusaes de Almeida

Casa por demais conhecida. Não precisa de reclamos, para se saber que é a unica em especialidade de artigos para homens, tais como chapéus de palha e feltro, calção fino, camisas, meias, gravatas, etc.

Deposito permanente de bebidas nacionaes, charutos e gotibada nacional.

## GABINETE HYDROTHERAPICO

— DR. MAMPERRIN SANTOS

MENORES SINISCORNAS: J. Mamperrin Santos  
& J. Ribeiro d'Almeida.

Installação hydrotherapica completa, duas salas de duchos para homens e mulheres, intermamente separadas e independentes, gabinete annexo de electricidade e massagens.

Tratamento de doenças nervosas e de estomago.

Abrido das 8 ás 12 da manhã; 2 de 5 da tarde.

Entradas: C. de Duque, 20

C. DA GLORIA, 15 — LISBOA

**COMPAGNIE  
des Messageries Maritimes**

Lignes Transatlantiques

Pequebete post française



Paris, Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.

Para passagens de dez dias a 10 dias, para passagens de dez dias a 15 dias, para passagens de dez dias a 20 dias, para passagens de dez dias a 25 dias, para passagens de dez dias a 30 dias, para passagens de dez dias a 35 dias, para passagens de dez dias a 40 dias, para passagens de dez dias a 45 dias, para passagens de dez dias a 50 dias, para passagens de dez dias a 55 dias, para passagens de dez dias a 60 dias, para passagens de dez dias a 65 dias, para passagens de dez dias a 70 dias, para passagens de dez dias a 75 dias, para passagens de dez dias a 80 dias, para passagens de dez dias a 85 dias, para passagens de dez dias a 90 dias, para passagens de dez dias a 95 dias, para passagens de dez dias a 100 dias.

Compagnie des Messageries Maritimes

Soc. Privada.





# Agencia Financial

DE

## PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

### Saques sobre Portugal

paga veis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

### O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

## A RESTAURAÇÃO

DE



### Gonçaves & C.º

MERCEARIA, BOTÊQUIM E FUMOS

Casa especialista em bebidas e conservas estrangeiras: Importação directa: Comissões e consignações: Caixa postal, 190.

Instalação, 8—Manãos

## VIUVA WENCESLAU GUIMARÃES & C.ª

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas

Wenceslau Rio

Caixa do correio

N.º 272

R. da Alfandega, 83

RIO DE JANEIRO

Este hotel tendo passado por grandes reformas, dispõe de excellentes accomodações para familias e viajantes

Quartos para banho, mornos e de chova

ENCOMENDAS PARA PELA

Banquetes, almoços e jantares particulares.



Porto Alegre

270, RUA OS ANJOS, 270

Joaquim Pereira Barreto

Gambios  
Loterias  
Papeis  
de credito



JOAO VIERLING & C.ª

LISBOA

R. do Arsenal

44 E 46

P. do Municipio

1, 2 e 3

## Ferragens F. N. Santos & C.º

Caixa postal N.º 31

Deposito de todos os utensilios para artes e officios.

Sortimento completo de armas de fogo dos mais afamados fabricantes. Fogos portuguezes, francezes e americanos.

Aparelhos para embarcações. Machinas de costura SINGER.

Especialidade em costuraria.

Praça 15 Novembro, 3

MANAOS

## Elixir Anti-Epidermico Beirão

Approved pela Inspectoria de Hygiene  
do PARÁ

Preservativo e curativo da febre amarella,  
cholera, febres intermittentes, bexigas, typho,  
dysenteria, bérberi e influenza

Nenhum viajante e todos os que comprehenderem a necessidade da conservação da saude pelos meios hygienicos, e antisepticos devem internar-se nas florestas ou percorrer as regiões inexploradas em grande parte miasmaticas, sem munir-se de alguns vidrinhos, do Elixir anti-epidemico Beirão, é a mais segura garantia da conservação da vida e da saude: levam consigo a certeza de regressarem milagrosamente salvos ao seio da familia, o que infelizmente não acontece a centenas de imprudentes que não tomam esta acertada e simples medida preventiva. As pessoas adultas que no estado de boa saude tomarem todas as manhãs e todas as noites uma colher de sopa do Elixir anti-epidemico Beirão estão isentas das graves molestias endemicas produzidas pelos fermentos miasmaticos, e particularmente das febres intermittentes, febre amarella, bexigas, cholera asiatico, vomito preto, typho dysenteria, pustula maligna, escarlatina, croup, bérberi e influenza.

Indispensavel aos recém-chegados, deposito

DROGARIA BEIRÃO

DE

CARVALHO LEITE &amp; C.º

103, Rua do Conselheiro João Alfredo, 103—PARÁ



# A Formosa Paraense



Estabelecimento de modas e miudezas, com

**Importação**

directa dos mercados europeus.

Fundado em 1864

## Corrêa Miranda & C.<sup>a</sup>

R. Conselheiro João Alfredo, 67

**PARÁ.**

# Vinho VENTURA

O vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

PARA

## Montenegro Ferreira & C.<sup>a</sup>

Successores da antiga casa

## RICARDO JOSÉ DA CRUZ & C.<sup>a</sup>

Fundada em 1820, e que tem a sua sede no

## PARÁ, Boulevard da Republica, 44

FILIAL EM MANÁOS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

Só os vinhedos do Alto Douro produzem a uva abençoada de que se extrai o **Vinho Ventura**, o unico que, com vantagem incontestavel, se applica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatism, nas convalescenças, nas digestões difficéis, enfraquecimentos, etc.

Como tónico está hoje reconhecida a efficacia do

## Vinho VENTURA

## CASA AVIADORA

Commissões e Consignações

# SANTOS & MAGALHÃES

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

ARTIGOS DE ESCRITORIO

Trabalhos typographicos em todos os generos

OFFICINA A VAPOR

10 - RUA DA PRATA - 13

LISBOA



# CERCLE COMMERCIAL

## Santos & Côrtes

Caixa postal n.º 159

O primeiro hotel de Manáos. Quartos luxuosos e com todas as condições hygienicas. SÓ SE ALUGAM a cavalheiros, ou a familias.

### RESTAURANT

Unica casa no genero. Vinhos de todas as procedencias do mundo. Refeições a qualquer hora, dia e noite.

### Serviço de banquetes

Cozinhã aprimorada.

O estabelecimento possui barbearia, casas de banhos e bilhares.

RUA DA INSTALAÇÃO, 3

MANÁOS

Livraria moderna PEREIRA & SILVA

PARA — R. Cons.º João Alfredo, 25

Leitura amena

Sortimento completo de livros de litteratura, direito, instrucção, etc.

PREÇOS DE ESCRITORIO

Preços sem competencia.

Endereço telegraphico Moderna.

## ALVES DINIZ & IRMÃO

R. DE S. JULIÃO, 92 a 103

Negociantes de generos colonias

Consumo e reexportação

Tambem recebem consignações de conta alheia.

Photographia

## FIDANZA

PARÁ

Rua Conselheiro João Alfredo, 22

O mais antigo e acreditado estabelecimento do

Norte do Brasil

premiado nas exposições de Paris e Chicago.

Nitidez, perfeição e arte

# CASA DE COMISSÕES

## JOAQUIM FERREIRA DE CARVALHO & C.<sup>a</sup>

Importadores e Exportadores

DE GENEROS DE ESTIVA

Endereço telegraphico — Capital

Rua do Amorim, 33 a 35 — PERNAMBUCO





**MANOEL CANICEIRO DA COSTA**  
 CARPINTERIA E SERRARIA A VAPOR  
*O mais antigo estabelecimento do norte do Brazil*  
 Foi fundado em 1870

Promptidão, rapidez e modicidade de preços

**Grande Deposito** De materiais para construção civil e naval

**RUA DA INDUSTRIA, 124—PARÁ**

Endereço telegraphico—CANICEIRO

Caixa postal—N.º 603

## H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço  
 Caldreiras e machinas a vapor para terra e mar

**34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36**

**LISBOA**

**DOCAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS**  
**ESTABEIRO NO GINJAL**

## Atelier-Photo-Chimico-Graphico

**P. MARINHO & C.ª—Rua de S. Paulo, 216, 2.º—LISBOA**

NUMERO TELEPHONICO 828

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços **mais baratos** de paiz. em todos os trabalhos.

**Execução perfeita.**

**JOÃO BASTOS & C.ª**

**COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES**

**LISBOA—Rua da Prata, 14, 1.º**

# ENXOVAES

**LOJA DA AMERICA**  
**ARTHUR D'OLIVEIRA & GARCIA**  
**ROUPARIA BRANCA**

**LISBOA—206, Rua do Ouro, 208—Rua d'Assumpção, 92, a 96—LISBOA**

CAIXA POSTAL. N.º 56

**103**

ENDER. THEO. CAVILHAS

A MAIS ANTIGA MERCEARIA DO ESTADO FUNDADA EM 1880

**Dias d'Oliveira & C.ª** — Vinhos, conservas, generos de 1.ª qualidade.—A primeira n'este genero. Promptidão nas encomendas, garantia nas vendas.

Filial—Rua Theodoro Souto—**Manãos**—RUA INSTALAÇÃO, 12

**ESTEVÃO NUNES & FILHOS**

Typographia

OFFICINAS A VAPOR

18 a 24, R. Assumpção, 18 a 24

**LISBOA**

## Livraria Classica

**Jayne & Camara**

Typographia, encadernação e pautaço. Fabrica de livros em branco e carimbos de borracha.

CAIXA POSTAL N.º 169

**Rua Theodoro Souto**

(Canto da rua Guilherme Moreira)

**MANAOS**



## LEAL, SANTOS & WALD

Fabrica de biscoitos  
**RIO GRANDE DO SUL**

*Provem os especiaes biscoitos*

DO

**RIO GRANDE**

DE

**LEAL, SANTOS & WALD**

Qualidade e sortimento eguaes aos Ingleses

**R**' venda em todas as casas de primeira ordem

Endereço telegraphico—**ZULMIRA**